

tao te ching

The background of the cover is a watercolor-style illustration. It depicts a mountain range under a hazy, yellowish sky. In the foreground, a woman with a serene expression is seated on a rock, looking towards the right. To her left, a Qilin, a mythical Chinese creature with the body of a horse and the head of a dragon, is shown in profile, facing right. The entire scene is rendered in warm, earthy tones of brown, tan, and yellow.

*uma nova tradução
com comentários de*

**Ko Hsüan
(Aleister Crowley)**



The Equinox Volume 3 Number 8, 1995

Copyright © Ordo Templi Orientis
O.T.O. International Headquarters
P.O. Box 684098
Austin, TX 78768 USA

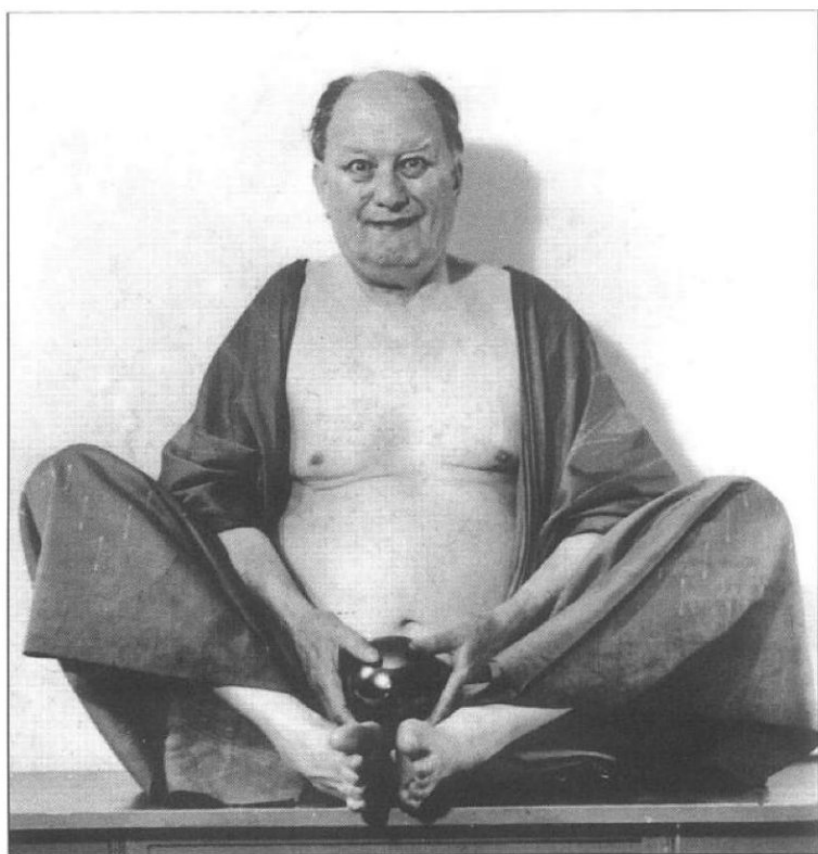
Esta edição traduzida para o português pode ser distribuída livremente sem modificações e sem quaisquer custos além daqueles que possam ser necessários para a transmissão de arquivos, impressão e postagem (quando aplicável).

Apenas para uso pessoal e não-comercial.

Esta revisão do livro foi gerada em **16/02/2012 20:51:00**,
mas poderá passar por novos aprimoramentos.

Para obter a versão mais recente, acesse:

<http://hadnu.org>



Lao-tzu
tao te ching

LIBER CLVII

TRADUZIDO,
COM UMA INTRODUÇÃO
E COMENTÁRIO,
POR

KO HSÜAN

(ALEISTER CROWLEY)

sendo

O EQUINÓCIO
Volume Três Número Oito

Editado por Hymenaeus Beta

HADNU.ORG

Sumário

INTRODUÇÃO À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS.....	11
PREFÁCIO DO EDITOR.....	12
INTRODUÇÃO	25
PARTE UM.....	35
I A Natureza do Tao	36
II A Fonte de Energia do Self.....	38
III Aquietando o Povo	39
IV O Poço Sem Fonte.....	40
V A Fórmula do Vácuo	41
VI O Aperfeiçoamento da Forma	42
VII A Ocultação da Luz.....	43
VIII A Natureza da Paz	44
IX O Caminho da Reticência.....	45
X Coisas Alcançáveis	46
XI O Valor do Inexpresso.....	47
XII O Afastamento do Externo.....	48

O EQUINÓCIO

XIII O Desprezo pela Circunstância.....	49
XIV A Proclamação do Mistério	50
XV O Aparecimento da Verdadeira Natureza	51
XVI O Recuo à Raiz.....	52
XVII A Pureza da Corrente	53
XVIII A Deterioração dos Costumes.....	54
XIX Retornando à Pureza da Corrente	55
XX A Saída do Caminho Comum	56
XXI O Ventre Infinito.	57
XXII A Recompensa da Modéstia.....	58
XXIII O Vazio do Nada.....	59
XXIV Costumes Malignos.	60
XXV Imagens do Mistério.	61
XXVI A Natureza da Massa.....	62
XXVII Habilidade no Método.....	63
XXVIII O Retorno à Simplicidade.....	64
XXIX Abstendo-se da Ação.....	65
XXX Uma Advertência Contra a Guerra	66
XXXI Criando Conflito.....	67
XXXII A Sabedoria do Te.....	68

XXXIII A Discriminação (Viveka) do Te	69
XXXIV O Método de Consecução	70
XXXV A Boa Vontade do Te.....	71
XXXVI O Esconder da Luz.....	72
XXXVII O Uso Correto do Governo	73
PARTE DOIS	74
XXXVIII Relativo ao Te	75
XXXIX A Lei do Princípio	77
XL Omitindo a Utilidade.....	78
XLI A Identidade do Diferente.....	79
XLII Os Véus do Tao	80
XLIII O Método Cósmico	81
XLIV Monitorial.....	82
XLV A Inundação Do Te	83
XLVI A Retirada da Ambição.....	84
XLVII A Visão do Distante.....	85
XLVIII Esquecimento Superando Conhecimento	86
XLIX A Adaptabilidade do Te	87
L A Estima da Vida	88
LI O Te Como O Nutridor.....	89

O EQUINÓCIO

LII A Retirada ao Silêncio.....	90
LIII O Testemunho da Ganância.	91
LIV O Testemunho Da Sabedoria	92
LV O Feitiço do Mistério	93
LVI A Excelência do Mistério.....	94
LVII A Influência Verdadeira	95
LVIII Adaptação ao Ambiente	96
LIX Protegendo o Tao	97
LX O Dever do Governo	98
LXI A Modéstia do Te.....	99
LXII As Operações do Tao.....	100
LXIII Premeditação no Início.....	101
LXIV Preocupar-se com os Detalhes	102
LXV A Pureza do Te	103
LXVI Colocando-se por Último	104
LXVII As Três Joias.....	105
LXVIII Assimilando-se com o Céu.....	106
LXIX O Uso do Jeito Misterioso.....	107
LXX A Dificuldade da Compreensão Correta	108
LXXI A Enfermidade do Conhecimento.....	109

LXXII Sobre o Amor de Si.....	110
LXXIII Instituinto a Lei da Liberdade.....	111
LXXIV Uma Restrição dos Mal-Entendidos.....	112
LXXV O Prejuízo da Ambição	113
LXXVI Uma Advertência Contra a Rigidez	114
LXXVII O Caminho do Céu	115
LXXVIII Um Credo	116
LXXIX Verdade na Aliança	117
LXXX Isolamento	118
LXXXI A Proclamação da Simplicidade	119
CH'ING-CHING CHING	122
REFERÊNCIAS SELECIONADAS.....	127

Introdução à Edição em Português

Faze o que tu queres deverá ser o todo da Lei

Também chamado de *Tao Teh King*, *Dao De Jing*, entre outros nomes, esta é a versão da Besta deste famoso clássico chinês, e segue nossa série de traduções de textos de Crowley sobre a tradição mística e mágica chinesa.

Para esta edição utilizamos o original publicado em 1995 pela Samuel Weiser, editado por Hymenaeus Beta. Sempre que o original pareceu obscuro comparamos o texto com a versão de Legge em inglês e outras já em português.

Recomendamos que os interessados leiam a *Introdução ao I Ching* compilado por Crowley (sendo *O Equinócio* Vol. I Nº 7) para uma melhor compreensão do presente livro.

A presente edição foi traduzida por Frater S.R., com exceção de citações dos *Livros Sagrados de Thelema*, que foram traduzidos e revisados por Arnaldo Lucchesi Cardoso, Jonatas Lacerda e Nina Castro.

As notas do editor estão entre colchetes, enquanto as notas do tradutor estão entre chaves.

Amor é a lei, amor sob vontade

Frater S.R.

Prefácio do Editor

Faze o que tu queres deverá ser o todo da Lei

Este livro não precisa de introdução, já que Crowley supriu com a sua própria, um raro exemplo deste autor introduzindo sua própria obra em quaisquer detalhes¹. Nem precisaria o *Tao Te Ching* (*Daode jing*²), atribuído a Lao-tzu (Laozi), de alguma introdução. Tem sido há muito o clássico chinês mais frequentemente traduzido, e a descoberta dos textos mais antigos³ de Ma-wang-tui em 1973 E.V. inspirou ainda mais. Mesmo assim, uma discussão do *background* espiritual para a edição de Crowley desta obra e seu apêndice – o *Ch'ing-ching Ching* (*Qingjing jing*) – é relevante, já que é um exame do seu uso dos nomes Ko Yuën (Ge Yuan) e Ko Hsüan (Ge Xuan).

Crowley foi o primeiro poeta ocidental e não-sinologista a “traduzir” os clássicos chineses, embora o *Confucian Analects* de Ezra Pound (de 1950) tenha sido impresso antes. Ele tinha uma grande afinidade com o Taoísmo, considerando a China como sendo a civilização mais desenvolvida do mundo. Ele se lamentava de nunca ter encontrado um instrutor vivo de Taoísmo como encontrou de outras tradições espirituais. Ao invés disso, confiou nas traduções de James Legge, referências padrão por gerações,

¹ Crowley também discute sua obra sobre o *Tao Te Ching* no *As Confissões de Aleister Crowley*, abridged edition, pp. 836-837. Ver Referências Seleccionadas.

² Nesta edição geralmente usamos o método Wade-Giles de transliteração do chinês. Exceto por palavras comuns (como o Tao e Te), o método Pinyin, que serve como um guia para a pronúncia, é dado entre parênteses em sua primeira ocorrência no corpo editorial. Os estudiosos atualmente empregam um ou outro, mas ainda não existe um padrão único.

³ {Uma coleção de pergaminhos contendo o *Tao Te Ching*, o *I Ching*, e outros textos, que acreditam ser pelo menos 500 anos mais antigo do que as até então mais antigas versões do *Tao Te Ching*.}

O EQUINÓCIO

mas hoje em dia amplamente suplantadas pelos novos estudiosos⁴. Wing-tsit Chan escreveu sobre a tradução de Legge do *Tao Te Ching* que “embora geralmente correta, a erudição moderna requer uma nova aproximação em diversos pontos”⁵.

Em sua Introdução, Crowley menciona seu Grande Retiro Mágico na Ilha Esopus durante o final do verão de 1918⁶. Poucos detalhes deste retiro (ou isolamento espiritual) são conhecidos já que Charles Stansfeld Jones (Frater Achad), que se juntou a Crowley em parte dele, destruiu a maior parte dos registros⁷. Esta é uma grande perda, já que provavelmente foi o cume espiritual de Crowley nos Estados Unidos (1914-1919).

Crowley escreveu suas traduções do *Tao Te Ching* e do *Ch'ing-ching Ching* na Ilha Esopus. Conforme ele explica em sua Introdução, o *Tao Te Ching* foi traduzido com a assistência de um adepto desencarnado (o que um taoísta semelhantemente chamaria de um “imortal”) chamado Amalantrah. Crowley esteve em frequente comunicação astral com Amalantrah por quase nove meses⁸.

Crowley recuperou a memória de várias de suas encarnações passadas durante este retiro, uma experiência que lhe forneceu a base para seus posteriores escritos sobre a memória mágica⁹.

⁴ A tradução de Legge apareceu no *The Texts of Taoism* em 1881; para esta e outras traduções, consulte as Referências Seleccionadas sob Lao-tzu.

⁵ Wing-tsit Chan, *An Outline and an Annotated Bibliography of Chinese Philosophy* (New Heaven: Far Eastern Publications, 1969), p. 162.

⁶ Esta pequena ilha, geralmente intitulada como “Ilha Æsopus” por Crowley, se situa imediatamente fora da margem oriental do Rio Hudson, perto de Staatsburg, Nova Iorque.

⁷ Para o relacionamento de Crowley e Jones, consulte a Introdução a Crowley em *Liber CXI vel Aleph*, segunda edição. Ver Referências Seleccionadas.

⁸ O retiro de Crowley na Ilha Esopus em parte era uma continuação da “Operação de Amalantrah”, que começou em janeiro. Os registros do diário (“Liber 729”) só sobreviveram até abril, e não incluem o verão de 1918.

⁹ O Capítulo 7 do *Magia em Teoria e Prática* de Crowley (*Livro 4, Parte III*) inclui uma extensa discussão sobre a memória mágica; ver Referências Seleccionadas sob *Livro 4*.

TAO TE CHING

Em diversas destas encarnações lembradas, Crowley foi um Mestre da A.:A.: (ou Grande Fraternidade Branca) que voluntariamente encarnou para avançar a evolução humana¹⁰.

Ao rever algumas destas memórias em seu *Confissões*, ele escreveu que sofria de amnésia espiritual de algumas encarnações antes da época de Maomé, com uma notável exceção:

Eu meramente lembro de que eu era Ko Hsüan, um discípulo de Lao-tzu, o autor do *Ch'ing-ching Ching*, o Clássico da Pureza; que, a propósito, traduzi em versos ingleses durante este retiro. Tudo que sei é que de alguma forma ou outra eu cometi um “grande erro”, perdi minha Maestria, e tive que escalar a escada novamente desde o começo¹¹.

Não está claro se Crowley quis dizer que ele cometeu esse “grande erro” como Ko Hsüan ou como uma encarnação anterior, mas sua escolha de frase não é acidental – é do *Livro da Lei* II:27:

Há grande perigo em mim; pois quem não compreende estas runas cometerá um grande erro. Ele cairá dentro da cova chamada Porque, e lá ele perecerá com os cães da Razão.

O relato de Crowley de sua “Visão de Júpiter” de 5 de setembro se refere a um tal “grande erro” – um com o potencial de “arremessar todo Mestre do Templo no Abismo”. A Visão de Júpiter foi o clímax do retiro da Ilha Esopus, e uma de suas visões mais exaltadas, mas geralmente deixada em segundo plano já que o trecho de diário em seu *Confissões* é o único registro que sobrevi-

Um fragmento do registro da Ilha Esopus sobrevive como “Um Registro de Algumas das ‘Vidas Passadas’ de Aleister Crowley”, *The Magical Link* VI(4) (nova série), Nova Iorque: O.T.O., inverno de 1992-3. Consulte também o Cap. 37 do *Magia sem Lágrimas* de Crowley, que discute sobre a memória mágica e sua escrita do *Tao Te Ching*.

¹⁰ Para detalhes sobre a A.:A.:, consulte “Uma Estrela à Vista” no *Magick (Livro 4, Partes I-IV)* de Crowley, Apêndice II. Ver Referências Seleccionadas.

¹¹ Crowley, *As Confissões de Aleister Crowley*, abridged ed., p. 839.

O EQUINÓCIO

veu. Crowley, de quem a sinceridade espiritual era um lema, observa que “não ousaria escrever o que isso realmente foi”, e não é descrito em detalhes:

17h00. A meditação desta tarde resultou em uma iniciação tão estupenda que não ousou nem sequer sugerir sua Palavra. É o segredo supremo de um Magus, e é tão terrível que eu tremo até mesmo agora – mais de duas horas depois – 14h20 foi a hora – já que escrevo a respeito disso. Em um único instante eu tive a Chave de toda a sabedoria chinesa. À luz – tão breve quanto foi – desta verdade, todos os sistemas de religião e filosofia se tornaram absolutamente pueris. Até mesmo a Lei parece ser nada mais do que um incidente curioso. Eu permaneço completamente aturdido, ofuscado, conhecendo que imagem chocante repousa nesta luz. Me desconcerta tentar entender como meus irmãos Magi, sabendo disto, seguiram em frente.

Eu só tive um prenúncio desta Visão de Júpiter – pois assim posso chamar! – e este foi um *samādhi* que momentaneamente interrompeu minha concentração de *sammāsati*. Isto só pode ser vagamente descrito dizendo que obtive uma reconciliação de dois contrários dos quais “Há uma discriminação entre o bom e o ruim” é um.

Essa experiência me balançou totalmente; tem sido um esforço terrível me forçar a escrever este registro. O segredo segue o Caminho de *aleph* a Chokmah. Eu poderia escrevê-lo em algumas palavras de uma sílaba, e a maioria das pessoas nem o perceberia. Mas ele tem o poder de arremessar todo Mestre do Templo no Abismo, e de lançar todo adepto da Rosa-Cruz às Qliphoth. Não é nenhuma maravilha que Alguém disse que o *Livro T* estava nas cinzas na Urna de um Magus! Eu não consigo de modo algum ver como isso me afetará no presente. Até mesmo o Caminho do Tao me parece idiota – mas aí novamente, é isso o que ele é! Então suponho que seja isso,

TAO TE CHING

tudo bem. E sua liberdade, em um sentido completamente fascinante e chocante, está além da minha mais cruel concepção¹².

Crowley em lugar nenhum explica como essa Visão de Júpiter pertence àquela esfera, mas claramente é uma exploração iniciada mais profunda do que os reinos espirituais apenas superficialmente tocados no 5º Æthyr de *Liber 418, A Visão e a Voz*. Este registro confirma que o trabalho de Crowley com os clássicos taoístas tiveram uma profunda base empírica.

O *Ch'ing-ching Ching* é *O Clássico da Pureza e da Quietude* – seu título completo *T'ai Shang Ch'ing-ching Ching* reflete sua atribuição tradicional a Lao-tzu (T'ai Shang Lao-chün), mencionado no texto como Lao-chün (Lao Gun). A atribuição a Lao-tzu de textos taoístas de períodos impossivelmente mais recentes era uma prática comum.

James Legge atribuiu sua autoria a Ko Hsüan (a reencarnação chinesa lembrada por Crowley), dando-lhe o nome alternativo de Ko Yüen, e atribuindo o período da composição à Dinastia Wu (222-280 E.V.). Nenhuma das atribuições reflete a erudição atual, embora os peritos modernos discordem quanto ao período de sua composição; Eva Wong data o *Ch'ing-ching Ching* no final da Era das Seis Dinastias (220-589 C.E.)¹³, e Livia Kohn o data de forma mais conservadora como um texto litúrgico central do taoísmo monástico Chüan-chen (Quanzhen, Perfeição Completa)¹⁴. Confiando em Legge, Crowley citou Ko Yüen da dinastia Wu como o autor na página de título de sua versificação em sua primeira edição¹⁵.

¹² *Ibid.*, p. 840.

¹³ Eva Wong, trad., *Cultivating Stillness, A Taoist Manual for Transforming Body and Mind*, p. x. Esta é uma tradução do *Ch'ing-ching Ching* com um comentário e introdução.

¹⁴ Livia Kohn, *The Taoist Experience*, pp. 12, 24. As páginas 25-29 incluem uma tradução do *Ch'ing-ching Ching*.

¹⁵ Ko Hsüan é citado como o autor no “Præmonstrance da A.:A.:”, *O Equinócio III(1)*.

O EQUINÓCIO

Ko Hsüan (164-244 E.V.) foi um filósofo taoísta e alquimista do final do período Han e início do período dos Três Reinos. Como muitos outros sábios taoístas anteriores (sem mencionar Aleister Crowley!), Ko demonstrava completa indiferença às normas sociais. Legge observou que ele era “representado como um operador de milagres; como um viciado em intemperança, e muito excêntrico em seus modos”¹⁶. Ele gastaria dias quentes do verão no fundo de um lago, bêbado¹⁷, e Legge ainda repete um relato dele caminhando sobre a água.

Legge provavelmente foi a única fonte de informações sobre Ko Hsüan e sua filosofia disponível a Crowley. Devido à sua identificação com Ko Hsüan como uma encarnação anterior, o que é intrigante não é o punhado de fatos que Legge registrou, sumarizados acima, mas o que Legge *não* diz. Crowley teria quase que certamente considerado os dados históricos fornecidos acima como uma impressionante corroboração de sua memória mágica, confirmando que sua memória de Ko Hsüan de fato era a de um Mestre da A:A: lembrando uma encarnação anterior como outro.

Ko Hsüan foi um dos primeiros membros da família Ko (ou Ge), um clã do sul da China de “mágico-técnicos”. Suas técnicas incluíam espiritismo astrológico, o controle de demônios, indução de transe extático, visualização de deidades, práticas de longevidade, alquimia, clarividência (com e sem espelhos), drogas sacramentais, meditação e ritual. Muitas destas técnicas foram adotadas pela escola de Shang-ch’ing (Shangqing, Altíssima Claridade) fundada por Yang Hsi (Yang Xi) no quarto século E.V. O neto de Ko Hsüan foi Ko Hung (Ge Hong, 261-341 E.V.), autor do *Pao P’u tzu* (*Baopuzi*), um texto principal da filosofia e alquimia taoístas. Um descendente posterior, Ko Ch’ao-fu (Ge Chaofu)

(1919), p. 14. A referência errônea na página de título é omitida nesta edição.

¹⁶ James Legge, *The Texts of Taoism*, Vol. II, p. 248.

¹⁷ Holmes Welch, *Taoism, The Parting of the Way* (Boston: Beacon Press, 1966), p. 128.

inspirou-se na tradição da família, a doutrina budista Mahāyāna e os ensinamentos da Altíssima Claridade para formular a escola Ling-pao (Lingbao, o Tesouro Divino) de taoísmo entre o final do quarto e início do quinto século E.V.

O taoísmo Ling-pao ensina que os imortais na hierarquia celestial ajudam os adeptos humanos ao longo do caminho da consecução. Alguns imortais existem desde antes da criação do Céu e da Terra, e são seres puramente espirituais que não encarnam como avatares humanos, mas ao invés disso auxiliam a humanidade através de intermediários que, apesar de criados originalmente humanos, atingiram a imortalidade e repetidamente encarnam para ajudar outros a atingir¹⁸.

O maior dos imortais pré-existentes é o criador e governador do Céu e da Terra, e dita escrituras a estes intermediários no início de cada era do mundo, detalhando a hierarquia celestial, ritos de invocação, e meios de consecução humana individual. Então estes imortais retransmitem as escrituras a avatares humanos. Ko Hsüan foi tido como um destes adeptos realizados ou imortais, e a lenda de Ling-pao registra que ele recebeu trinta e três de tais pergaminhos. Ele é a fonte de uma tradição revelada que eventualmente, após muita evolução doutrinária, originou o taoísmo religioso¹⁹.

É improvável que Crowley estivesse intelectualmente familiarizado com o taoísmo Ling-pao, mas como outros grandes movimentos iniciáticos (por exemplo, os *bodhisattvas*-por-estágios do budismo Mahāyāna antigo), concorda quase que em cada detalhe com suas descrições da A::A:: como um corpo trans-æônico de adeptos reencarnantes e desencarnados. A A::A:: emitiu *O Livro da Lei* através de Crowley em 1904 E.V. Ele proclamou um Novo Êon de Hórus (o deus egípcio da Força e do Fogo) e revelou a hierarquia celestial governando esta nova fase da evolução

¹⁸ *Ibid.*, pp. 136-137.

¹⁹ Kohn, *op. cit.*, pp. 5-6, 43-48, 197-198.

O EQUINÓCIO

planetária, bem como seus ritos e fórmulas de consecução. Crowley mais tarde recebeu muitos outros Livros Sagrados²⁰, e estabeleceu a A.:A.: como uma ordem de ensino e iniciação.

Crowley se deleitava em suas diversas personas, sejam elas inventadas, adotadas ou lembradas, e Ko Hsüan não foi exceção. Um fragmento inédito chamado “Chance?” tem um tratamento fictício de “Ko Hsüan” que é claramente inspirado em Crowley em Nova Iorque por volta da época do retiro da Ilha Esopus:

Sinceramente, eu não sei se ele é um chinesinho ou não. Ele se chama de Ch’ing-ching, que quer dizer “Pureza e Quietude”, e ele diz que realmente é Ko Hsüan, aquele bêbado maluco operador de milagres do terceiro século que preocupou toda a China com suas práticas estranhas e feitos impressionantes, que disse que era “Sagrado além da Expressão” e viveu por sete anos em um chiqueiro, como um porco faz de todas as maneiras, para provar! [...] Ele é de longe o homem mais curioso em Nova Iorque. [...] Eu o encontrei agachado em um grande divã de ornamentos em ouro opaco, escondido entre as almofadas. Ele estava vestido em um enorme robe do mais brilhante azul, com símbolos dourados trabalhados em linha por todo ele. Ele é completamente careca, embora ainda jovem. Seu rosto me lembrou um pouco o de Napoleão, mas mais o de Ho Tai, aquele deus sorridente com abdômen gigante cuja imagem se vê em todas as lojas chinesas. Seus olhos, no entanto, são admiráveis. Eles cintilam mal indizível, a Alegria de um Diabo exultante sobre as almas que seduziu à Danação. Mesmo assim, não há crueldade em seu sorriso; alguém diria que até mesmo a Punição Eterna lhe parece apenas mais uma Piada²¹.

Crowley sentou-se para uma fotografia (dada no frontispício)

²⁰ Consulte *ΘEAHMA, Os Livros Sagrados de Thelema*, nas Referências Seleccionadas.

²¹ Manuscrito inédito, Yorke Collection, Warburg Institute, Londres.

TAO TE CHING

que se encaixa admiravelmente nesta descrição de Ko Hsüan, mas na verdade foi inspirada por uma referência maliciosa de seu discípulo Gerald J. Yorke, que escreveu sobre Mi-Lei Fo (Maitreya Buda) em suas memórias da China:

Que Buda deveria ter previsto que sua personificação de vida boa o sucederia pelo tempo de cinco mil anos é uma piada sutil que escapou aos discípulos indianos. Sábio em sua geração, ele percebeu que a sua mensagem deveria ser seguida por outras ainda mais vitais. O gênio chinês escolheu Mi-Lei, o entronou como o Messias vindouro. Sua figura gorda, dando risada, é a primeira a cumprimentar os peregrinos conforme passam pelos quatro guardiães do limiar da sala externa de todo templo. Ele simboliza a liberdade divina para o qual a humanidade está se esforçando, quando *o único pecado será a restrição*. Sozinho entre os povos do mundo, o chinês deifica o riso²². [Ênfase acrescentada.]

É claro que Yorke está contando a sua própria “piada sutil” e parafraseando *O Livro da Lei*, que sem dúvidas escapou aos leitores, mas deleitou Crowley, um perito da brincadeira teológica.

Crowley anunciou o *Tao Te Ching* na contracapa do *Pequenos Ensaios em Direção à Verdade* em 1938, mas apesar de repetidos esforços ele não apareceu. Seu sucessor, Karl Germer, tentou novamente no início dos anos 1960, mas sua morte em 1962 impediu a compleição do projeto. A primeira edição foi lançada pela Thelema Publications em 1971, editada por Helen Parsons Smith, publicada em série como *O Equinócio III(8)*²³.

Uma mudança feita no final da Introdução de Crowley demonstra que ele foi originalmente escrito em 1923 e revisado em 1938. Uma nota posterior no Capítulo 19 demonstra que, enquan-

²² Gerald Yorke, *China Changes* (Londres: Cabo, 1935), pp. 147-8.

²³ Duas outras edições não autorizadas apareceram nos anos de 1970, editadas por Stephen Skinner e Marcelo Motta. Ver Referências Seleccionadas.

O EQUINÓCIO

to o texto principal foi escrito em 1918 e o comentário em 1919, estes foram revisados até tão tarde quanto 1944. A cópia datilografada dá o título da A.:A.: como *Liber LXXXI* (por seus 81 capítulos), mas este número duplicou o de outro livro de Crowley (*Moonchild*) e foi alterado para *Liber CLVII* em 1919²⁴.

Mantendo o espírito do livro, o aparelho editorial foi mantido simples²⁵. Obras citadas por Crowley, bem como edições principais relevantes, aparecem nas Referências Seleccionadas.

O hológrafo do *Tao Te Ching* está presumivelmente perdido, mas várias cópias datilografadas sobreviveram. O primeiro utilizado aqui incorpora os aperfeiçoamentos finais de Crowley; antigamente no Arquivo central da O.T.O., foi enviado para a Inglaterra para ser publicado por volta de 1960 e agora está com a O.T.O. britânica. Outra cópia datilografada (antigamente de Frieda Harris) foi consultada, na biblioteca da Pennsylvania State University. Uma terceira cópia datilografada no Arquivo da O.T.O. é idêntica a que foi utilizada para a primeira edição de 1971; esta carece dos aprimoramentos finais mas fornece interpretações variantes e algumas lacunas das outras cópias. Finalmente, materiais datilografados soltos da Yorke Collection forneceram o texto da página de título da A.:A.: e os dois breves textos (incluindo a nota assinada com 666) reproduzidas logo após a Introdução. Os títulos das partes foram excluídos na cópia datilografada revisada, mas foram retidos, já que os manuscritos de Ma-wang-tui dão a ordem inversa de partes. Alguns estudiosos afirmam que o texto na verdade começa com a parte dois, e o chamam de *Te Tao Ching*. Nesta edição, as páginas dos títulos das partes são ilustradas com imagens taoístas que serão sugestivas para os estudantes de Cabala. A primeira é “O Tao Vazio se Desenvolve no

²⁴ “Praemonstrænce da A.:A.:”, *O Equinócio* III(1) (1919), p. 15.

²⁵ No *Tao Te Ching*, mudanças menores foram feitas no parágrafo dois da Introdução, para clareza. Diversas leituras foram seleccionadas da Introdução conforme é reproduzida no Cap. 35 do *Magia sem Lágrimas*. Também, alguns poucos casos de pontuação excêntrica foram alterados para fazer paralelo com o uso de Crowley em outros lugares em um dado capítulo.

TAO TE CHING

Mundo: O Diagrama do Grande Último”, e o segundo é “Os Dez Continentes”, que representa (com os Dois Paraísos) o reino onde os deuses e imortais habitam.

O apêndice, *Liber XXI, Ch'ing-ching Ching*, foi primeiramente publicado pela O.T.O. em Londres em 1939 como *Liber XXI, Khing Kang King*, em uma edição limitada em formato grande; algumas cópias têm desenhos originais de Crowley sobre temas chineses. O manuscrito na Yorke Collection e a primeira edição foram consultados para a presente edição²⁶.

Agradeço a Clive Harper e Benjamin Fernee da O.T.O. britânica pela cópia datilografada principal; à Pennsylvania State University Special Collections por uma segunda cópia datilografada; e ao Warburg Institute, University of London, pelo material de pesquisa. Eu também gostaria de agradecer Hedvig Atmer (O.T.O. sueca) por seu aconselhamento ao manusear o material chinês; Livia Kohn da Boston University, Douglas Wile do Brooklyn College, Eva Wong do templo taoísta Fung Loy Kok em Denver, e Mette Sigstedt do Swedish Museum of Far Eastern Antiquities por auxílio literato e informação; Robert Kelly do Bard College por apontar o caminho para a Ilha Esopus; Randall Bowyer e Robin D. Matthews pela revisão e aconselhamento editorial; e Martin P. Starr por aconselhamento editorial, pesquisa, assistência e pela fotografia do frontispício.

Amor é a lei, amor sob vontade.

– HYMENAEUS BETA X °
Frater Superior, O.T.O.

²⁶ Foi confiado no hológrafo do *Ch'ing-ching Ching* quanto à capitalização, já que a edição impressa dava o texto em maiúsculo, o que se adequava ao seu formato grande, mas era ilegível demais para ser usado aqui. Uma linha da página de título do manuscrito (creditando To Μεγα Θηριον 666) foi restaurada, e conforme observado acima, a atribuição original da página de título a Ko Yüen ou Ko Hsüan da Dinastia Wu foi removida. Alguns detalhes de pontuação foram tirados do manuscrito; doutra forma o texto da primeira edição foi tido como o padrão.



老子

LAO-TZU

道德經

TAO TE

CHING

LIBER CLVII

TRADUZIDO
DO CÓDICE
MANIFESTADO NO
ĀKĀŚA POR

729

O BRUXO AMALANTRAH
PARA

666

COM UM COMENTÁRIO
DE

666





A.∴A.∴

Publicação em Classe B

V. Praemonstrator
V.V. Imperator
S.U.A. Cancellarius

{O Imprimatur é da linhagem de <http://outercol.org>. }

Introdução

EU ME COMPROMETI a dedicar a minha vida à Magia na Páscoa de 1898 (*era vulgari*), e recebi a minha primeira iniciação em 18 de novembro do mesmo ano.

Meu amigo e companheiro de escalada, Oscar Eckenstein, me deu as primeiras instruções no aprendizado do controle da mente no início de 1901 na Cidade do México. Shri Parananda, Procurador-Geral do Ceilão (e um eminente escritor e professor de Yoga do ponto de vista *śaivita* ortodoxo), e Bhikkhu Ananda Metteya (Allan Benneth, o grande Adepto inglês, que foi um dos meus primeiros instrutores de Magia e juntou-se ao Sangha na Birmânia em 1902), me deram meus primeiros fundamentos da teoria e da prática mística. Passei alguns meses de 1901 em Kandy, Ceilão, com o segundo até que o sucesso coroasse o meu trabalho.

Também estudei todas as variedades da filosofia asiática, especialmente no que diz respeito à questão prática do desenvolvimento espiritual, as doutrinas *Şūfī*, os *Upaniśads*, o *Sāṃkhya*, o *Vedānta*, o *Bagavad-gītā* e os *Purāṇas*, o *Dhammapada*, e muitos outros clássicos, juntamente com numerosos escritos sobre *Tantra* e *Yoga* de homens como *Patañjali*, *Vivekānanda*, *etc.* Muitos desses ensinamentos ainda são totalmente desconhecidos para os estudiosos. Eu tornei o escopo de meus estudos o mais abrangente possível, não omitindo nenhuma escola de pensamento por mais sem importância ou repugnante que fosse.

Fiz um exame crítico de todos estes professores à luz da minha experiência prática. A uniformidade fisiológica e psicológica da humanidade garantiu que a diversidade de expressão escondesse uma unidade de significado. Esta descoberta, além disso, foi confirmada por referência às tradições judaica, grega e celta. Uma

TAO TE CHING

verdade quintessencial era comum a todos os cultos, das Ilhas Hébridais ao Mar Amarelo, e até mesmo os principais ramos provaram ser essencialmente idênticos. Foi só a folhagem que apresentou incompatibilidade.

Quando eu atravessei a China em 1905-6, eu estava completamente armado e equipado pelas qualificações acima para atacar o problema até-então-insolúvel da concepção chinesa de verdade religiosa. Estudos práticos da psicologia dos mongóis, conforme eu os encontrei em minhas viagens, já haviam me sugerido que a sua concepção acêntrica de universo pode representar a correspondência na consciência de suas presentes características psicológicas. Portanto eu estava preparado para examinar as doutrinas de seus Mestres religiosos e filosóficos sem o preconceito que sempre tornou inúteis os esforços de sinologistas missionários e de fato de todos os estudiosos do oriente com a exceção única de Rhys Davids. Os tradutores em seu tempo assumiram invariavelmente, com ingenuidade absurda ou mais frequentemente intolerância arrogante, que um escritor chinês deve estar ou produzindo uma variação mais ou menos distorcida e degradada de alguma concepção cristã, ou absurdos absolutamente pueris. Mesmo um homem tão grande como Max Muller em sua introdução aos Upanisads parece apenas metade inclinado a admitir que a aparente trivialidade e loucura de muitas passagens nestes escritos chamados sagrados poderiam dever sua aparência a nossa ignorância das circunstâncias históricas e religiosas, um conhecimento o qual as tornaria inteligíveis.

Durante minhas andanças solitárias entre as ruínas montanhosas de Yun Nan, a atmosfera espiritual da China penetrou minha consciência, graças à ausência de quaisquer impertinências intelectuais do órgão do conhecimento. O *Tao Te Ching* revelou sua simplicidade e sublimidade à minha alma, pouco a pouco, conforme as condições da minha vida física, não menos que da espiritual, penetrou os santuários do meu espírito. A filosofia de Lao-tzu comunicou-se comigo, a despeito dos esforços persistentes-

O EQUINÓCIO

tes de minha mente a obrigá-la a estar em conformidade com minhas noções preconcebidas do que o texto deve significar. Este processo, tendo assim suas raízes na minha intuição mais íntima durante aqueles tremendos meses de perambulação por Yun Nan, cresceu continuamente ao longo dos anos seguintes. Sempre que eu encontrei-me mais uma vez capaz de retirar-me das dissipações e distrações que o contato com a civilização nos força, não importa quão vigorosamente ele possa lutar contra a sua insolência, à solidão sagrada do deserto, não importa se nas serras da Espanha, ou nas areias do Saara, descobri que a filosofia de Lao-tzu retomava a sua influência sobre a minha alma, mais sutil e mais forte em cada ocasião sucessiva.

Mas nem a Europa nem a África podem mostrar tal desolação como a América. O mais orgulhoso, teimoso, rude, camponês da Espanha deserta; o mais primitivo e supersticioso árabe do oásis mais remoto, estes são um pouco mais do que da mesma família e nunca menos do que bons no seu pior; enquanto que nos Estados Unidos se é quase sempre consciente de uma falta instintiva de simpatia e compreensão, até mesmo com as pessoas mais encantadoras e cultas. Foi, portanto, durante meu exílio na América que as doutrinas de Lao-tzu se desenvolveram mais rapidamente em minha alma, até mesmo forçando seu caminho para fora até que eu senti imperioso, ou ainda inevitável, expressá-las em termos do pensamento consciente.

Tão logo essa resolução tomou posse de mim, percebi que a tarefa beirava o impossível. Suas ideias mais verdadeiramente simples, os elementos primitivos de seu pensamento, não tem correspondências verdadeiras com qualquer terminologia europeia. A própria primeira palavra “Tao” apresentava um problema completamente insolúvel. Foi traduzida como “Razão”, o “Caminho”, “TO ΩΝ”²⁷. Nenhum desses demonstra a mínima concepção do Tao.

²⁷ [*Grg.*, “ser” ou “aquilo que existe”.]

TAO TE CHING

O Tao é a “Razão”, neste sentido, de que a substância das coisas pode ser apreendida em parte como sendo a relação necessária entre os elementos do pensamento que determina as leis da razão. Em outras palavras, a única realidade é aquela que nos compele a conectar as diversas formas de ilusão conforme fazemos. Assim, evidentemente, é incognoscível e inexprimível tanto pelo discurso quanto pelo silêncio. Tudo o que podemos saber sobre ele é que está inerente nele um poder (que, entretanto, não é ele próprio) em virtude do qual todos os seres aparecem em formas congruentes com a natureza da necessidade.

O Tao também é o Caminho – no seguinte sentido. Nada existe, exceto como uma relação com outras ideias postuladas similarmente. Nada pode ser conhecido em si mesmo, mas somente como um dos participantes de uma série de eventos. A realidade está, portanto, no movimento, não nas coisas movidas. Não podemos apreender qualquer coisa, exceto como um elemento postulado de uma impressão de mudança observada. Podemos expressar isso em outros termos como se segue. Nosso conhecimento de qualquer coisa na realidade é a soma de nossas observações de seus movimentos sucessivos, isto é, do seu caminho de evento a evento. Neste sentido, o Tao pode ser traduzido como o Caminho. Não é uma coisa em si, no sentido de ser um objeto passível de apreensão pelos sentidos ou pela mente. Não é a causa de qualquer coisa, mas a categoria subjacente a toda a existência ou evento, e, portanto, verdadeiro e real conforme eles são ilusórios, sendo meramente marcos inventados por conveniência para descrever as nossas experiências. O Tao não possui nenhum poder para fazer algo existir ou acontecer. No entanto, nossa experiência quando analisada nos diz que a única realidade da qual podemos estar certos é esta senda ou Caminho que sumariza o todo de nosso conhecimento.

Quanto à TO ΩN, que superficialmente pode parecer a melhor tradução do Tao conforme descrito no texto, é o mais enganador dos três. Pois TO ΩN possui uma conotação ampla que im-

O EQUINÓCIO

plica todo um sistema de conceitos platônicos do qual nada pode ser mais estranho para a qualidade essencial do Tao. Tao não é nem o ser e nem o não-ser, em qualquer sentido que a Europa pudesse entender. Não é nem a existência nem uma condição ou forma de existência. Ao mesmo tempo, TO MH ΩN²⁸ não dá nenhuma ideia de Tao. O Tao está totalmente alheio a toda essa classe de pensamento. De sua conexão com “aquele princípio que necessariamente subjaz o fato de que eventos ocorrem” poderia se supor que o “Tornar-se”²⁹ de Heráclito pode nos ajudar a descrever o Tao. Mas o Tao definitivamente não é um princípio desse tipo. Para compreendê-lo é necessário um estado de espírito totalmente diferente a qualquer um com o qual os pensadores europeus em geral estão familiarizados. É necessário prosseguir com firmeza o caminho do desenvolvimento espiritual nas linhas indicadas pelos şūfīs, hindus e budistas; e tendo atingido o chamado Trance *nirodha-samāpati*, no qual são destruídas todas as formas de consciência, ali aparece naquele abismo de aniquilação o germe de um tipo inteiramente novo de ideia, cuja característica principal é esta: que a concatenação inteira de suas experiências e concepções anteriores definitivamente não poderia ter acontecido, salvo em virtude dessa necessidade indescritível.

Estou dolorosamente ciente de que a exposição acima é falha em todos os aspectos. Em particular, ela pressupõe no leitor familiaridade considerável com a matéria, assim praticamente incorrendo em petição de princípio³⁰. Também deve se provar quase totalmente ininteligível para o leitor médio, aquele que na verdade é quem eu especialmente tenho o objetivo de causar interesse.

Por causa dele eu tentarei elucidar a questão por uma analogia. Considere a eletricidade. Seria absurdo dizer que a eletricidade é qualquer um dos fenômenos pelo qual nós a conhecemos.

²⁸ [*Grg.*, “não ser” ou “aquilo que não existe”.]

²⁹ {“Becoming”.}

³⁰ {“petitio principii”, uma falácia em que se assume que “Se A é verdadeiro, não-A é falso”. Ver nota seguinte. }

Tomamos refúgio no *petitio principii*³¹ de dizer que a eletricidade é aquela forma de energia que é a principal causa de tais e tais fenômenos. Suponhamos agora que nós eliminamos essa ideia como evidentemente ilógica. O que resta? Não devemos apressadamente responder, “Nada resta”. Há alguma coisa inerente à natureza da consciência, razão, percepção, sensação, e do universo do qual eles nos informam, que é responsável pelo fato de que observamos estes fenômenos e não outros; que refletimos sobre eles como nós, e não o contrário. Mas ainda mais profundamente do que isso, parte da realidade da energia inescrutável que determina a forma de nossa experiência afinal consiste em determinar quê experiência deve ter lugar. Deve ficar claro que isso não tem nada a ver com quaisquer das concepções platônicas da natureza das coisas.

A propriedade menos desprezível na falência intelectual do pensamento europeu é a Cabala Hebraica. Devidamente compreendida, é um sistema de simbolismo infinitamente elástico, não assumindo nenhum axioma, não postulando nenhum princípio, não afirmando nenhum teorema, e portanto adaptável, se manuseada habilmente, para descrever qualquer doutrina concebível. Tem sido o meu estudo contínuo desde 1898, e achei-a de valor infinito no estudo do *Tao Te Ching*. Por sua ajuda eu fui capaz de atribuir as ideias de Lao-tzu a uma ordem com a qual eu era extremamente familiar, e cujo valor prático eu havia provado várias vezes usando-a como base da análise e classificação de todas as religiões e filosofias arianas e semitas. Apesar da dificuldade essencial de correlacionar as ideias de Lao-tzu com quaisquer outras, a aplicação persistente das chaves cabalísticas finalmente destravou o seu tesouro. Eu fui capaz de explicar a mim mesmo seus ensinamentos em termos de sistemas familiares.

Essa conquista quebrou as costas da minha Esfinge. Uma vez tendo reduzido Lao-tzu à forma cabalística, foi fácil traduzir o resultado para a língua da filosofia. Eu já havia feito muito para

³¹ [*Lat.*, conforme usado em lógica, “implorar a questão”].

O EQUINÓCIO

criar uma nova linguagem baseada no inglês com o auxílio de alguns termos técnicos emprestados da Ásia, e sobretudo pelo uso de uma nova concepção da ideia de Número e procedimentos algébricos e aritméticos, para transmitir os resultados da experiência espiritual para estudantes inteligentes.

Portanto não é totalmente sem confiança que apresento esta tradução do *Tao Te Ching* ao público. Espero e acredito que um estudo cuidadoso do texto, conforme elucidado pelo meu comentário, permitirão que os aspirantes sérios à sabedoria oculta compreendam com razoável exatidão o que Lao-tzu ensinou. Contudo deve ser levado seriamente em consideração que a essência de seu sistema inevitavelmente escapará à apreensão intelectual a menos que seja iluminada de cima por real experiência de vida da verdade. Tal experiência só pode ser alcançada pela correta aplicação às práticas que ele defende. Nem deve o aspirante se contentar com a mera consecução da iluminação espiritual, não importa quão sublime. Todas as tais realizações são estéreis a menos que sejam consideradas como o meio e não o fim do progresso espiritual, e que se permita que infiltrem em cada detalhe da vida, não só do espírito, mas dos sentidos. O Tao não pode ser conhecido até que se interprete as ações mais triviais da rotina diária. É um erro fatal discriminar entre a importância espiritual da meditação e de jogar golfe. Fazer isso é criar um conflito interno. “Que não se faça diferença entre vós e uma coisa e qualquer outra coisa; pois disto resulta dor”³². Aquele que conhece o Tao sabe que ele é a fonte de todas as coisas; o êxtase espiritual mais elevado e a impressão interna mais trivial de nosso ponto de vista são igualmente ilusões, máscaras sem valor, que escondem, com grotesco papelão pintado falso e sem vida, o rosto vivo da verdade. No entanto, a partir de outro ponto de vista, eles são igualmente expressões do gênio extático da verdade – imagens naturais da reação entre a essência de si mesmo e seu ambiente em especial no momento de sua ocorrência. Eles são igualmente sinais do Tao, por quem, em quem, e dos quais, eles são. Valorizá-los por si mesmos é negar o

³² [*Liber AL vel Legis sub figura CCXX I:22.*]

TAO TE CHING

Tao e se perder na ilusão. Desprezá-los é negar a onipresença do Tao, e sofrer a ilusão do sofrimento. Discriminar entre eles é criar a díade amaldiçoada, permitir a insanidade do intelecto, esmagar a intuição da verdade, e criar uma guerra civil na consciência.

De 1908 a 1918, o *Tao Te Ching* era o meu estudo contínuo. Eu sempre o recomendei a meus amigos como a obra-prima suprema da sabedoria do iniciado, e eu igualmente ficava sempre desapontado quando eles declaravam que não os impressionara, especialmente porque as minhas descrições preliminares do livro haviam despertado seu maior interesse. Assim eu percebi que a culpa estava na tradução de Legge, e senti-me impelido a empreender a tarefa de apresentar Lao Tze na linguagem informada pela compreensão simpatizante que a iniciação e a experiência espiritual me conferiram. Durante o meu Grande Retiro Mágico na Ilha Esopus no Rio Hudson durante o verão de 1918, me dediquei a esse trabalho, mas eu descobri imediatamente que eu era totalmente incompetente. Portanto apelei a um Adepto chamado Amalantrah, com quem naquele momento eu estava em comunhão quase diária. Ele veio prontamente em meu auxílio e mostrou-me um códice do original, que transmitiu a mim com certeza absoluta o significado exato do texto. Eu fui capaz de adivinhar sem hesitação ou dúvida a forma precisa em que Legge havia sido enganado. Ele traduziu o chinês com fidelidade singular, mas em quase todos os versos a interpretação era totalmente enganadora. Não houve necessidade de se referir ao texto do ponto de vista dos estudiosos. Eu tive apenas de parafrasear sua tradução à luz do conhecimento real do verdadeiro significado dos termos empregados. Quem quiser se dar ao trabalho de comparar as duas versões se surpreenderá ao ver como uma ligeira remodelação de um parágrafo é suficiente para dispersar a obscuridade obstinada do pré-julgamento, e soltar uma fonte e uma inundação de luz viva, para atear em chamas a prosa retorcida da escolaridade fleumática no botão florescente da chama lírica.

Eu completei minha tradução dentro de três dias, mas durante

O EQUINÓCIO

os últimos cinco anos reconsiderarei constantemente cada frase. O manuscrito foi emprestado a um número de amigos, estudiosos que elogiaram o meu trabalho, e aspirantes que apreciaram a sua adequação para apresentar o espírito do ensinamento do Mestre. Aqueles que se desapontaram com a versão de Legge se entusiasmaram com a minha. Esta circunstância é suficiente para assegurar-me de que o trabalho do Amor não se perdeu, e para encher-me com confiança entusiasmada de que a presente publicação contribuirá abundantemente para o cumprimento de minha Verdadeira Vontade pela qual eu vim à terra, e forçar o labor e o sofrimento ao máximo do qual a humanidade é capaz, a Vontade de abrir os portais da realização espiritual para meus companheiros, e trazê-los para o gozo daquela realização da Verdade, sob todos os véus de falsidade temporal, que iluminou os meus olhos e encheu a minha boca com canção.

– ALEISTER CROWLEY

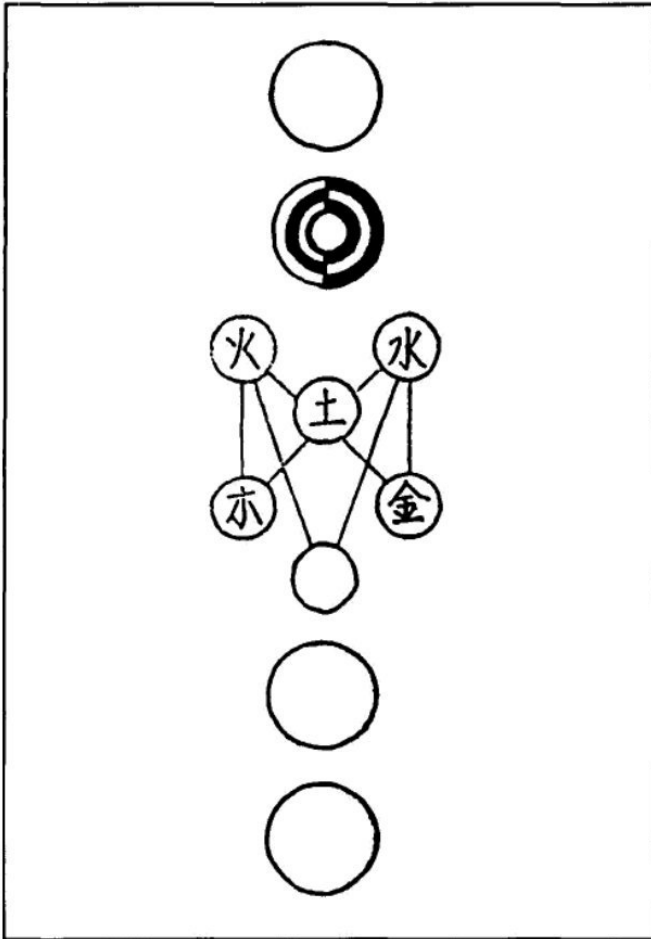
Ko Hsüan
sua tradução
e comentário
feitos durante sua encarnação como
Aleister Crowley
durante o Grande Retiro Mágico
sobre a Ilha Æsopus.
Anno XIV.

Se qualquer sinologista objetar a qualquer coisa nesta tradução, que ele vá absorver seu Yang em seu próprio Yin, como dizem os americanos³³, e me deem crédito por uma Obra-prima original. Qualquer coisa que Lao-tzu disse ou quis dizer, isto é o que eu digo e quero dizer.

666.

³³ {Leia-se: “go fuck yourself”.}

Parte Um



I

A Natureza do Tao

1. O Caminho do Tao não é o Todo do Tao³⁴. O Nome não é a Coisa nomeada.

2. Não manifestado, é o Pai Secreto do Céu (☰) e da Terra (☷); manifestado, é a Mãe deles³⁵.

3. Para entender esse Mistério, é preciso estar cumprindo a sua vontade³⁶. Se não estiver assim livre, obterá apenas um conhecimento superficial dele.

4. O Tao é um, e o Te é apenas uma fase dele. O abismo deste Mistério é o Portal da Serpente-Maravilha³⁷.

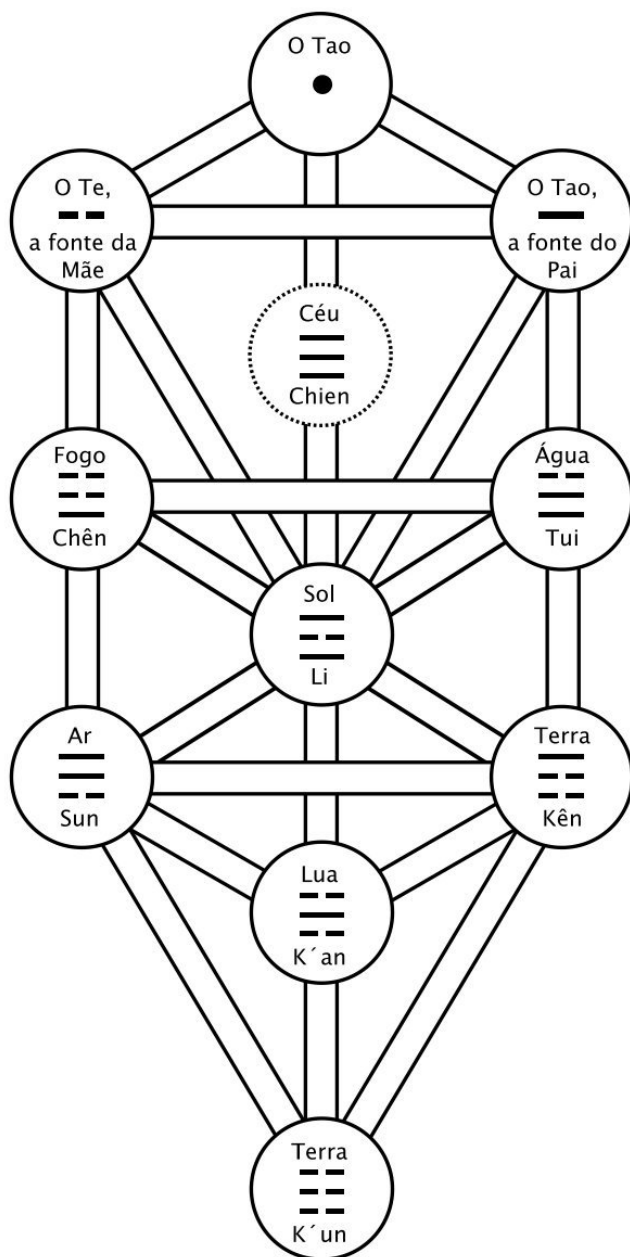
³⁴ Tao faz paralelo com *pleroma*, *siva*, *yod*, etc. Te faz paralelo com *logos*, *śakti*, *hé*, etc. Mas a concepção de Lao-tzu une todos estes em seu mais alto. O melhor paralelo é dado em *Liber CCXX*, Caps. I e II, onde Hadit é o Tao, e Nuit Te. (Embora estes em certos aspectos sejam intercambiáveis). O objetivo deste parágrafo é o de criar discriminação ou definição, não o de declarar a superioridade de qualquer concepção. A ilusão de qualquer tal preferência dependeria do grau de iniciação do estudante. Um Magus 9°=2° da A::A:: sem dúvidas estimaria o Caminho do “Tornar-se” como seu Absoluto, pois a Lei de seu Grau é Mudança (veja “Liber I vel Magi”). Mas – quem sabe? – um Ipsissimus 10°=1° poderia achar uma concepção que transcendesse até mesmo essa. Por exemplo, alguém poderia interpretar este primeiro parágrafo como se dissesse que Tornar-se não é o Tao, mas que o Tao é um Ser cuja natureza é Tornar-se. Matéria e Movimento não podem existir separadamente. O leitor deveria estimar cada verso deste Livro como um texto digno da mais intensa e prolongada meditação. Ele não compreenderá o Livro completamente até que ele tenha moldado sua mente em sua forma adequada nesta grande Forja do *samādhi*.

³⁵ Esta doutrina é o ensinamento iniciado que para aludir os sacerdotes inventaram lendas de partenogênese. (Veja o diagrama para detalhes precisos).

³⁶ Portanto em um estado moral, sem desejo, sem fricção.

³⁷ Consulte também *Berashith* para a identidade das fases “0⁰” e “algo”. A Serpente-Maravilha se refere à Força Mágica chamada de *kuṇḍalinī*.

O EQUINÓCIO



II

A Fonte de Energia do Self

1. Todos os homens sabem que a beleza e a feiura são correlativos, assim como são a habilidade e a falta de jeito; um implica e sugere o outro.

2. Assim também a existência e a não-existência afirmam um ao outro³⁸; assim também é com a facilidade e a dificuldade, comprimento e pequenez; altura e baixeza. A Música também existe através da harmonia de opostos³⁹; o tempo e o espaço dependem de contraposição.

3. Pelo uso deste método, o sábio pode cumprir a sua vontade sem ação, e proferir sua palavra sem fala⁴⁰.

4. Todas as coisas surgem sem difidência; elas crescem, e ninguém interfere; elas mudam de acordo com sua ordem natural, sem ânsia de resultado. O trabalho é realizado; embora persevere em sua órbita, sem objetivo. Este trabalho é feito inconscientemente; é por isso que sua energia é incansável.

³⁸ Ou seja, o pensamento de qualquer um dos dois implica em seu oposto.

³⁹ Não só isso, equilíbrio.

Isso mostra como o Tao se realiza através de sua projeção em fases correlativas, expressando 0 como +1 + (-1); se falarmos como um cavalista ou eletricista.

⁴⁰ Nossa atividade se deve à incompletude das Forças resumidas. Assim um homem se põe a caminhar para o "Leste" à quatro milhas por hora, apesar de que ele já esteja viajando para aquela direção a mais de 1.000 milhas por hora. O fim da Meditação sobre a Ação é a percepção de Hadit; portanto qualquer ação seria um distúrbio dessa perfeição. Isto sendo compreendido do Verdadeiro Self, a Mente e o Corpo seguem sem obstáculo em seu caminho natural sem desejo da parte do Self.

III

Aquietando o Povo

1. Recompensar o mérito é provocar a imitação; premiar raridades é incentivar o roubo; mostrar coisas desejáveis é excitar a desordem da cobiça.

2. Portanto, o sábio governa os homens mantendo suas mentes e seus corpos em repouso, contentando um pelo vazio, o outro pela plenitude. Ele satisfaz seus desejos, cumprindo assim as suas vontades, e tornando-lhes sem atrito; e ele os fortalece em corpo, com um fim semelhante.

3. Ele os livra da inquietação do conhecimento e dos desejos do descontentamento. Assim como para aqueles que já têm conhecimento, ele ensina-lhes o caminho da não-ação. Sendo assegurado isto, não há desordem no mundo⁴¹.

⁴¹ Um discurso sobre o Problema do Labor.

IV

O Poço Sem Fonte

1. O Tao se assemelha ao Vazio do Espaço; para empregá-lo, devemos evitar a criação de gânglios. Ó Tao, quão grande és Tu, o Abismo dos Abismos, tu o Pai Santo e Secreto de todas as Paternidades das Coisas⁴²!

2. Tornemos nossa afiadez sem fio⁴³; desprendamo-nos de nossos complexos⁴⁴; reduzamos⁴⁵ nosso brilho à obscuridade geral. Ó Tao, quão quieto és tu, quão puro, contínuo além do Céu!

3. Este Tao não tem Pai; está além de todas as outras concepções, mais alto do que o altíssimo.

⁴² Consulte CCXXI:22, “Que não se faça diferença entre vós e uma coisa & qualquer outra coisa”. A desigualdade (uma ilusão) e a desordem se resultam necessariamente da retirada da homogeneidade.

⁴³ Pois a afiadez implica em uma concentração.

⁴⁴ Pois estes são o gânglio do pensamento, que devem ser destruídos.

⁴⁵ Sobre o mesmo princípio.

Veja também a doutrina em CCXX [I:52] quanto às “marcas do espaço”. As estrelas são manchas, por assim dizer, sobre a continuidade de Nuit.

V

A Fórmula do Vácuo

1. O céu e a terra prosseguem sem motivo, mas casualmente em sua ordem da natureza, lidando com todas as coisas despreocupadamente, tal como talismãs usados. Assim também os sábios lidam com seu povo, não exercendo a benevolência, mas permitindo que a natureza de todos se mova sem atrito.

2. O Espaço entre o céu a terra⁴⁶ é o seu aparelho respiratório⁴⁷. A expiração não é a exaustão, mas o complemento da inspiração, e este também daquele. O discurso⁴⁸ cansa; guarda-te, portanto, mantendo a perfeita liberdade da tua natureza.

⁴⁶ Ou seja, os seis hexagramas entre ☰ e ☷.

⁴⁷ e assim não se deve interferir com isso.

⁴⁸ interferindo-se com esta ordem regular de respiração.

As referências aos trigramas do *I Ching* devem ser explicadas por aquele Livro. Seria impossível elucidar tais passagens em uma nota. Ko Hsüan está agora trabalhando para preparar uma edição do *I*.

VI

O Aperfeiçoamento da Forma

1. O Te é a energia imortal do Tao, seu aspecto feminino. Céu e Terra foram lançados de sua Porta; esta Porta é a raiz de seu Sicômoro do Mundo. Sua operação é de pura Alegria e Amor, e nunca falha⁴⁹.

⁴⁹ Veja também em *O Livro da Sabedoria ou da Tolice* [Cap. 58] a doutrina do “Jogo de Nuit”.

VII

A Ocultação da Luz

1. O Céu e a Terra são poderosos na continuidade, porque seu trabalho é livre de ânsia de resultado.

2. Assim também o sábio, não procurando nenhum objetivo, alcança todas as coisas; ele não interfere nos afazeres de seu corpo, e assim esse corpo age sem atrito. É porque ele não se intromete com objetivos pessoais que estes ocorrem com simplicidade⁵⁰.

⁵⁰ Consulte CCXX [I:44] para a “ânsia de resultado”. A ideia geral do Caminho do Tao é que todo o mal é a interferência. É a ação antinatural que é o erro. A inação só é recomendável como um corretivo de tal; interferir com o próprio verdadeiro Caminho de alguém é Restrição, a palavra do Pecado.

VIII

A Natureza da Paz

1. Admire tu o Grande Caminho da Água! Não é a Água a alma da vida das coisas, pela qual elas mudam? Ainda assim, busca o seu nível, e habita satisfeita na obscuridade. Assim também se assemelha o Tao, neste Caminho disto⁵¹!

2. A virtude de uma casa é ser bem localizada; da mente, estar à vontade em silêncio como se fosse do Espaço; das sociedades, estar bem-disposta; dos governos, manter a quietude; do trabalho, ser habilmente executado; de todo movimento, ser feito no momento certo⁵².

3. Também é a virtude de um homem habitar em seu lugar sem descontentamento; assim ele não ofende nenhum homem⁵³.

⁵¹ Hidrogênio e Cloro (por exemplo) não se unirão perfeitamente quando secos. A secura é imobilidade ou morte. (Consulte também *O Livro da Sabedoria ou da Tolice*, a doutrina concernente à Mudança).

⁵² Em todas estas ilustrações, Lao-tzu desaprova a inquietação ou fricção.

⁵³ Isso dá sentido ao parágrafo anterior. Tudo isso é outra forma de dizer “Faze o que tu queres”.

IX

O Caminho da Reticência

1. Não encha completamente um vaso, para que não derrame ao carregar. Não interfira com uma ponta afiada apalpando-a constantemente, ou ela logo perderá o fio⁵⁴.

2. Ouro e jade põe em risco a casa de seu possuidor. Riqueza e honrarias levam à arrogância e inveja, e trazem ruína. Teu caminho é famoso e teu nome está se tornado ilustre? Retire-se, uma vez teu trabalho feito, na obscuridade; este é o caminho do Céu⁵⁵.

⁵⁴ Moderação. Deixe a fonte em paz.

⁵⁵ Se preocupe com o trabalho; ignore os subprodutos deste.

X

Coisas Alcançáveis

1. Quando a alma⁵⁶ e o corpo⁵⁷ estão no laço do amor, eles podem ser mantidos juntos. Pela concentração na respiração⁵⁸ é levado à elasticidade perfeita, e se torna como um bebê. Purificando-se do *samādhi* um se torna o todo⁵⁹.

2. Em seu trato com as pessoas e com a sociedade, que se mova sem ânsia de resultado. Na gestão de sua respiração, que ele seja como a mãe-pássaro⁶⁰. Que sua inteligência⁶¹ abranja cada quadrante, mas que seu conhecimento⁶² cesse⁶³.

3. Aqui está o Mistério da Virtude⁶⁴. Criou tudo e sustenta tudo; embora não se adere a eles; opera tudo, mas não sabe nada disso, nem o proclama; dirige tudo, mas sem controle consciente.

⁵⁶ Neschamah.

⁵⁷ Nephesch.

⁵⁸ *Prāṇa*.

⁵⁹ Aqui vemos mais uma vez a doutrina de ser sem atrito. O conflito interno leva à ruptura. Novamente, o *prāṇāyāma* de alguém deve resultar em perfeita flexibilidade e ajustamento exato ao seu ambiente. Finalmente, até mesmo o *sammāsamādhi* é um defeito, a medida em que seja uma experiência ao invés de um estado constante. Enquanto houver dois para se tornarem um, haverá dois.

⁶⁰ Ou seja, taciturno como o Espírito, quieto, sem esforço. Também há uma referência à uma determinada Lenda, conhecida no Santuário da Gnose.

⁶¹ Binah.

⁶² Daäth.

⁶³ Ele deve absorver (ou compreender) todas as coisas sem conhecimento consciente, o que é um choque, implicando dualidade, como pedra e aço, enquanto a compreensão é como uma esponja, ou até mesmo como o oceano absorvendo os rios.

⁶⁴ Do Tao e daquele que tem Ele. Virtude – o Te.

XI

O Valor do Inexpresso

1. Os trinta raios se juntam em seu cubo da roda, que é uma; contudo o uso da roda depende do lugar vazio para o eixo. A argila é moldada para fazer vasos; mas é o espaço contido que é útil. Portanto a matéria só é de uso para demarcar os limites do espaço que é a coisa de real valor⁶⁵.

⁶⁵ Isso introduz à doutrina da Quarta Dimensão. A matéria é como as linhas delimitando um plano. O plano é a coisa real, as linhas infinitamente menores em comparação, e servindo apenas para defini-lo. Assim também o “Self” é um limite imaginário assinalando as divisões do “Corpo de Deus”. O erro do *ahaṃkāra* (a faculdade criadora do ego) é tomar a superfície ilusória pela Esfera. Consulte também *Liber CCXX* no que diz respeito à Natureza de Nuit.

XII

O Afastamento do Externo

1. As cinco cores cobrem a Visão; os cinco sons tornam a Audição surda; os cinco sabores escondem o Paladar; a ocupação com o movimento e a ação atormentam a Mente; da mesma forma como a estima por coisas raras produz a cobiça e a desordem⁶⁶.

2. Portanto o sábio busca satisfazer as necessidades reais do povo; não excitá-los com a visão de luxúrias. Ele bane estes, e se concentra naqueles⁶⁷.

⁶⁶ Esta é a doutrina regular *yogin*, e pode ser testada pela experiência dos diversos *bhavanas* e outras concentrações adequadas. Mas Lao-tzu faz um paralelo para o uso social ou político. Excitar a cobiça leva a roubos no lar, e guerra fora do país. Só é tão evidente hoje em dia como a negligência desta regra destruiu a civilização; eu não preciso insistir em exemplos de como a potassa de A, o ferro de B, o carvão de C e as rotas de comércio de D fizeram com que E pusesse fogo no mundo.

⁶⁷ Os atuais problemas do labor são devido ao culto absurdo de complexidades materiais chamadas erroneamente de propriedade.

XIII

O Desprezo pela Circunstância

1. Favor e desgraça devem ser evitados igualmente; honra e calamidade devem ser igualmente considerados como aderentes à personalidade⁶⁸.

2. O que é isto que está escrito sobre favor e desgraça? A desgraça é a queda do favor. Então aquele que tem favor tem medo, e sua perda causa um medo ainda maior de uma nova queda. O que é isto que está escrito sobre honra e calamidade? É esse apego ao corpo que torna a calamidade possível; porque uma vez sem corpo, que mal poderia acontecer com ele?

3. Portanto que aquele que se estime justamente também administre um reino; e que ele o governe, ele que o ama como um outro homem amaria a si mesmo⁶⁹.

⁶⁸ E portanto se escreve que o “gânglio” deve ser desprendido, conforme afirmado acima [Cap. 4].

⁶⁹ Isso não quer dizer com extrema devoção, mas preferencialmente com indiferença desapaixonada.

XIV

A Proclamação do Mistério

1. Olhamos para ele, e não o vemos; embora seja Onipresente; e nós o chamamos de Equilíbrio-Raiz⁷⁰.

Prestamos atenção nele, e não ouvimos, embora seja Onisciente; e nós o chamamos de Silêncio⁷¹.

Sentimos por ele, e não o tocamos, embora seja Onipotente; e nós o chamamos de Oculto⁷².

Estas três Virtudes ele tem, embora não possamos descrevê-lo como se consistisse delas; mas, misturando-as corretamente, apreendemos o Uno.

2. Acima, não brilha; abaixo, não é escuro. Ele move tudo continuamente, sem Expressão, retornando no Nada. É a Forma Daquilo que está além da Forma; é a Imagem do Invisível; é a Mudança, e Ilimitado⁷³.

3. Nós o confrontamos, e não vemos seu Rosto; nós o perseguimos, e suas Costas estão escondidas de nós. Ah! mas aplique o Tao como nos Tempos antigos com o trabalho do presente; conheça-o como era conhecido no Princípio; siga fervorosamente o Fio do Tao.

⁷⁰ Hadit, a raiz do *yod*.

⁷¹ Nuit, a raiz do *hé*.

⁷² Ra-Hoor-Khuit, Kether, a raiz do *vau*.

⁷³ Consulte também Ain, Ain Soph, Ain Soph Aur. Também veja *O Livro da Sabedoria ou da Tolice*.

XV

*O Aparecimento da
Verdadeira Natureza*

1. Os adeptos das eras passadas eram sutis e entusiasmados em apreender este Mistério, e sua profundidade era obscuridade para os homens. Desde então, eles não eram conhecidos, deixem-me declarar a sua natureza.

2. Para toda a aparência externa, eles eram tão medrosos como os homens que atravessam uma torrente na inundação do inverno; eles eram tão hesitantes como um homem na apreensão dos que o cercam; eles eram tão intimidados como um convidado numa grande casa; eles estavam prontos para desaparecer como o gelo derretendo; eles eram tão despreziosos como a madeira bruta; eles eram tão vazios como um vale; e opacos como as águas de um pântano.

3. Quem pode limpar a água barrenta? A quietude o fará. Quem pode obter repouso? Que o movimento continue uniformemente e ele próprio será paz.

4. Os adeptos do Tao, conservando seu caminho, não buscam ser ativamente autoconscientes. Por seu vazio de Self eles não têm necessidade de mostrar sua juventude e perfeição; parecer velho e imperfeito é seu privilégio.

XVI

O Recuo à Raiz

1. O vazio deve ser perfeito, e o Silêncio tornado absoluto com força incansável. Todas as coisas passam pelo período da ação; então retornam ao repouso. Elas crescem, brotam, florescem e frutificam; então retornam à raiz. Este retorno à raiz é este estado que chamamos de Silêncio; e esse Silêncio é Testemunha de seu Cumprimento.

2. Este ciclo é a lei universal. Conhecê-lo⁷⁴ é a parte da inteligência; ignorá-lo⁷⁵ trás tolice de ação, cujo fim é a loucura. Conhecê-lo trás compreensão e paz; e estes levam à identificação do Self com o Não-Self. Esta identificação faz do homem um rei; e este cresce da realeza à divindade. Essa divindade dá fruto na maestria do Tao. Então o homem, o Tao lhe permeando, perdura; e seus princípios corpóreos estão em harmonia, à prova de deterioração, até a hora da sua Mudança.

⁷⁴ e aquiescer.

⁷⁵ ou se rebelar contra.

XVII

A Pureza da Corrente

1. Na Era de Ouro, as pessoas não estavam conscientes de seus governantes; na Era de Prata, os amavam, com canções; na Era de Bronze, os temiam; na Era de Ferro, os desprezavam. Conforme os governantes⁷⁶ perdiam a confiança, assim também as pessoas perdiam a confiança neles.

2. Quão hesitantes pareceram, os Senhores da Idade de Ouro, falando com deliberação, conscientes do peso de sua palavra! Assim eles realizaram todas as coisas com sucesso; e o povo considerou o seu bem-estar como sendo o curso natural dos eventos.

⁷⁶ tornar-se autoconsciente.

XVIII

A Deterioração dos Costumes

1. Quando os homens abandonaram o Caminho do Tao, a benevolência e a justiça tornaram-se necessárias. Então também foi preciso de sabedoria e perspicácia, e todos caíram em ilusão. Quando a harmonia deixou de prevalecer nas seis esferas⁷⁷ foi necessário governá-los manifestando Filhos⁷⁸.

Quando os reinos e as raças⁷⁹ se tornaram⁸⁰ confusos, ministros⁸¹ leis tiveram que aparecer.

⁷⁷ O sistema solar.

⁷⁸ *Dhyāna-buddhas*.

⁷⁹ Elementos, signos, etc.

⁸⁰ Autoconsciente e portanto.

⁸¹ Arcanjos.

A princípio é difícil para o estudante entender esse desdém de Lao-tzu pelo que nós chamamos de boas qualidades. Mas a necessidade deste “bem” é criado pela existência do “mal”, ou seja, a restrição de qualquer coisa de que faça sua vontade sem atrito. Então o bem é apenas um sintoma do mal, e assim ele próprio um veneno. Um homem que acha o Mercúrio e o Iodeto de Potássio “Bons” para ele, é um homem doente. Nutrição Sem Atrito é a ordem da Mudança, ou da Vida.

XIX

Retornando à Pureza da Corrente

1. Se esquecêssemos de nossa diplomacia e de nossa sabedoria, seria cem vezes melhor para o povo. Se esquecêssemos de nossa benevolência e de nossa justiça, eles novamente se tornariam como filhos, gente de boa vontade. Se esquecêssemos de nossas máquinas e de nossos negócios, não haveria desonestidade.

2. Estes novos métodos desprezaram o Caminho antigo, inventando nomes bonitos para disfarçar sua venenosidade. Mas a simplicidade no fazer da vontade de cada homem poria fim às ambições e desejos vãos⁸².

⁸² Samuel Butler em *Erewhon* descreve um povo que teve juízo o suficiente para proibir toda a maquinaria. Wells, em *The War in the Air*, profetiza os resultados de não fazê-lo. No momento da escrita, Na XV, © in M [Out.-Nov. de 1919 E.V.] estamos encarando o cumprimento da maior parte desta profecia. E ainda assim nos apressamos em nos armar!

P.S. E assim também um quarto de século depois.

XX

A Saída do Caminho Comum

1. Esquecer do aprendizado é acabar com os problemas. A menor diferença entre palavras, como “que” e “quê”⁸³, pode causar controvérsias sem fim para o estudioso⁸⁴. De fato a morte é temerosa, uma vez que todos os homens a temem; mas o abismo de questionamentos, sem encostas e sem fundo, é pior!

2. Considere o homem profano, como ele se envaidece, como se estivesse banquetecendo, ou contemplando a primavera de uma torre! Mas quanto a mim, eu sou como aquele que boceja, sem qualquer traço de desejo. Eu sou como um bebê antes de seu primeiro sorriso. Eu pareço triste e desesperado, como um homem sem-teto. O homem profano tem sua necessidade repleta, sim, e também mais. Para mim, parece que perdi tudo o que eu tinha. Minha mente é como se estivesse estupefata; ela não tem forma definida. O homem profano parece animado e de esperteza afiada; só eu pareço de mente vazia. Eles parecem ansiosamente críticos; eu pareço descuidado e sem percepção. Eu pareço ser como alguém à deriva no mar, sem nenhuma ideia de um porto. Os profanos têm cada um o seu curso definido de ação; só eu pareço inútil e incompreensível, como um homem da fronteira. Sim, assim eu difiro de todos os outros homens: mas a minha joia é a Mãe-de-Tudo⁸⁵!

⁸³ {“yes” e “yea” no original}.

⁸⁴ Considere o conflito “*homoousios* – *homoiousios*” da cristandade antiga.

⁸⁵ Consulte também “Flutuando no éter, Ó meu Deus, meu Deus!” “Liber VII” [I:26]. É o “voo sem destino” que dá “prazer inefável” ao Absoluto autossustentado. [Consulte também “Liber LXV”, II:24.]

XXI

O Ventre Infinito

1. A única fonte de energia é o Tao. Quem pode declarar a sua natureza? Está além dos Sentidos, embora toda forma está oculta dentro dele. Está além dos Sentidos, embora todos os Perceptíveis estejam escondidos dentro dele. Está além dos Sentidos, embora todo o Ser esteja escondido dentro dele. Este Ser excita a Percepção, e portanto a Palavra. Como era no princípio, é agora, e sempre será, o seu Nome⁸⁶ opera continuamente, fazendo com que tudo flua no ciclo da Mudança, que é o Amor e a Beleza. Como sei disso? Pela minha compreensão do Tao.

⁸⁶ Te.

O zero contém todas as possibilidades, pois ele pode ser escrito $0 = X + (-X)$, onde X é qualquer coisa não importa o quê e $-X$ o seu oposto. Desta forma o universo é sempre potencialmente alguma coisa e todas as coisas, embora na verdade Nada.

XXII

A Recompensa da Modéstia

1. A parte se torna o todo. A curva se torna reta; o vazio se torna cheio; o velho se torna novo. Aquele que deseja pouco realiza sua Vontade com facilidade; aquele que deseja muitas coisas se distrai⁸⁷.

2. Portanto, o sábio se concentra sobre uma Vontade, e é como uma luz para o mundo inteiro. Escondendo-se, ele brilha; retirando-se, ele atrai atenção; humilhando-se, ele é exaltado; insatisfeito consigo mesmo⁸⁸, ele ganha força para alcançar sua Vontade. Porque ele não batalha, nenhum homem pode lutar contra ele.

3. Isso não é uma visão em vão dos homens de antigamente; “A parte se torna o todo”; é o Cânone da Perfeição⁸⁹.

⁸⁷ Assim ele não tem nenhuma delas.

⁸⁸ Uma vez que a Vontade única ainda não foi atingida.

⁸⁹ Qualquer parte X se torna o Zero inteiro, cancelando-se através do “amor” de -X.

XXIII

O Vazio do Nada

1. Manter o silêncio é a marca de alguém que está agindo em plena conformidade com a sua Vontade. Um vento feroz logo diminui; uma chuva de tempestade não dura o dia todo. No entanto, o Céu e a Terra causam este; e se eles não conseguem tornar a violência contínua, quanto menos o homem pode permanecer no espasmo da paixão!

2. Com aquele que se devota ao Tao, os devotos do Tao estão de acordo; assim também estão os devotos do Te⁹⁰; sim, até mesmo aqueles que falham na busca desses também estão de acordo⁹¹.

3. Então seus irmãos no Tao são alegres, alcançando-o; e seus irmãos no Te são alegres, alcançando-o; e os que falham em buscar estes são alegres, partilhando disso. Mas se ele mesmo não perceber o Tao com calma de confiança, então eles também parecem ter falta de confiança⁹².

⁹⁰ porque Te é parte do Tao.

⁹¹ porque para aquele que tem o Tao todas as coisas são percebidas como harmoniosas.

⁹² Aquele que tem o Tao tem todas as coisas dispostas corretamente; seu próprio fracasso cria a ilusão do fracasso geral.

XXIV

Costumes Malignos

1. Aquele que fica de pé na ponta dos dedos não se detém firme; aquele que endurece as pernas anda mal. Aquele que se orgulha não brilha; aquele que fala explicitamente é vulgar; aquele que se gaba não é aceito; aquele que é sábio em sua própria arrogância é tido como inferior. Tais atitudes, para aquele que tem a visão dada pelo entendimento do Tao, parecem como lixo ou como o câncer, abomináveis para tudo. Então aqueles que seguem o Caminho⁹³ não as admitem.

⁹³ Tao.

XXV

Imagens do Mistério

1. Ilimitado e Perfeito, há um Tornar-se, além do Céu e da Terra. Ele não tem movimento e nem Forma; ele está sozinho, ele não muda⁹⁴; ele estende todos os caminhos; ele não tem Adversário. É como a Mãe-de-Tudo.

2. Eu não sei seu Nome, mas eu o chamo de Tao. Além disso, eu me esforço, e o chamo de Vastidão.

3. Vastidão, o Tornar-se! Tornando-se, voa longe. Longe, se aproxima. Vasto é esse Tao. O Céu é vasto. A Terra é vasta. O Rei Santo é vasto também⁹⁵. No Universo há Quatro Vastidões, e destes é o Rei Santo.

4. O Homem segue⁹⁶ a fórmula da Terra; a Terra segue a do Céu, e o Céu a do Tao. A fórmula do Tao é a sua própria Natureza.

⁹⁴ porque ele compreende a Mudança.

⁹⁵ porque eles se conformam com o Tao.

⁹⁶ Magick.

XXVI

A Natureza da Massa

1. A massa é o sustentáculo da mobilidade; a quietude é o pai do movimento.

2. Portanto, o Rei sábio, apesar de viajar para longe, permanece perto de seus suprimentos. Embora a oportunidade o tente, ele permanece em silêncio na disposição adequada, indiferente. O mestre de uma hoste de carruagens deveria portar-se levemente? Se ele atacar sem apoio, ele perde sua base; se ele se tornar um atacante, ele perde seu trono⁹⁷.

⁹⁷ Isto tudo obviamente é uma metáfora militar. Se nos distanciarmos do Tao, nos tornamos empenhados em atividades fúteis que não nos levam a lugar algum, e nos encontramos no Abismo de Choronzon.

XXVII

Habilidade no Método

1. O viajante experiente encobre seus rastros; o orador inteligente não dá nenhuma chance para o crítico; o hábil matemático não usa ábaco, o engenhoso guarda frustra o ladrão sem o uso de flechas, e o esperto amarra sem cordas e nem nós⁹⁸. Assim também o sábio, hábil na arte-de-emancipar-homens, usa todos os homens; entendendo o valor de tudo, ele rejeita nada. Isso é chamado de Regime Oculto.

2. Então o adepto é mestre para o zelator, e o zelator auxilia e honra o adepto. No entanto, a menos que essas relações estejam manifestas, até mesmo o observador mais inteligente poderia ficar perplexo quanto a qual é qual⁹⁹. Isso é chamado de Coroa do Místico.

⁹⁸ A referência é a certos “quebra-cabeças”, como poderíamos chamá-los, comuns na China.

⁹⁹ O adepto se tornou tão absolutamente natural que ele parece sem habilidade. *Ars est celare artem* [Lat., “é a arte de ocultar a arte”]. Somente aquele que começou no Caminho que pode adivinhar quão sublime é o Mestre.

XXVIII

O Retorno à Simplicidade

1. Equilibre a tua força masculina com a tua fraqueza feminina e tu atrairás todas as coisas, tal qual o oceano absorve todos os rios; porque tu formularás a excelência da Criança eterna, simples e perfeita.

Conhecendo a luz, permaneça no Escuro. Não manifesta a tua Glória, mas a tua obscuridade. Vestido nesta excelência eterna de Criança, tu alcançastes o Retorno do Primeiro Estado. Conhecendo o esplendor da Fama, se agarre ao Descrédito e à Infâmia; então tu permanecerás como no Vale para o qual fluem todas as águas, o magneto que fascina todos os homens. Sim, eles devem saudar essa Excelência em ti, eterna, simples e perfeita, de Criança.

2. A matéria-prima, moldada em forma, origina vasos¹⁰⁰. Assim o Rei sábio formula sua Plenitude em diversos Ofícios; e a sua Lei¹⁰¹ é sem violência ou constrangimento.

¹⁰⁰ O homogêneo desenvolvido no heterogêneo: 0⁰ compreendido como “algo”.

¹⁰¹ sendo concordante com a natureza de seu povo.

XXIX

Abstendo-se da Ação

1. Aquele que, desejando um reino, se empenha em obtê-lo, falhará. Um Reino é da natureza do espírito, e não cede à atividade. Aquele que o agarra, o destrói; aquele que o ganha, o perde¹⁰².

2. A roda da natureza revolve constantemente; o último se torna o primeiro, e o primeiro o último; as coisas quentes esfriam, as coisas frias esquentam; a fraqueza vence a força, as coisas ganhas são perdidas imediatamente. Portanto o homem sábio evita o esforço, o desejo e a preguiça¹⁰³.

¹⁰² O usurpador meramente se apropria do trono; o povo não está com ele, como estaria com alguém que tivesse se tornado rei por virtude de sua aptidão natural. O usurpador tem somente a máscara do poder.

¹⁰³ Esforço é *rajas-guṇa*, e o torna mais rápido do que o natural. Preguiça é *tamas-guṇa*, e o torna mais lento do que o natural. Desejo é o distúrbio do *sattva-guṇa*, excitando a ânsia de Mudança, em uma direção ou outra a partir da natural.

Coisas ganhas: consulte *Liber AL*, Cap. II, vv. 57-60.

XXX

Uma Advertência Contra a Guerra

1. Se um rei convocar em seu auxílio um Mestre do Tao, que ele não aconselhe o uso das armas. Tal ação certamente traz a reação correspondente.

2. Onde há exércitos, há ervas daninhas. Más colheitas seguem grandes exércitos.

3. O bom general ataca decisivamente, de uma vez por todas. Ele não corre o risco¹⁰⁴ de excesso de ousadia. Ele ataca, mas não gaba sua vitória. Ele ataca de acordo com a lei estrita da necessidade, não do desejo de vitória.

4. As coisas se tornam fortes e maduras, então envelhecem. Isso¹⁰⁵ é a discórdia com o Tao; e o que não está em harmonia com o Tao logo se acaba.

¹⁰⁴ contra-ataque.

Em outras palavras, ele age de acordo com as regras do jogo, sem perder sua cabeça por causa de orgulho, ambição ou ódio.

¹⁰⁵ imposição de força, ao invés de permitir o crescimento natural.

XXXI

Criando Conflito

1. Armas, ainda que sejam belas, são de mau agouro, abomináveis para todos os seres criados. Aqueles que têm o Tao não amam seu uso.

2. O lugar de honra é à direita em tempos de guerra; assim pensa o homem de distinção. Armas afiadas são de mau agouro, indignas de um tal homem; ele as usa apenas em necessidade. Ele estima a paz e a tranquilidade, não deseja a violência da vitória. Desejar a vitória é desejar a morte de homens; e desejar isso é falhar em conciliar o povo.

3. Nas festas, à esquerda está o assento elevado; em funerais, à direita. O vice-comandante do exército conduz a ala esquerda; o comandante-chefe, a ala direita; é como se a batalha fosse um rito de luto! Aquele que feriu mais homens deve chorar por eles mais amargamente; assim então o lugar do vencedor é atribuído a aquele com propriedade filosófica.

XXXII

A Sabedoria do Te

1. O Todo-Tao¹⁰⁶ não tem nome.

2. É Aquele Ponto Minuto¹⁰⁷ que todavia o mundo inteiro não ousa lutar contra aquele que o tem. Se um lorde ou um rei o obtivesse e guardasse, todos os homens lhe obedeceriam por vontade própria.

3. O Céu e a Terra combinando-se sob seu feitiço, derramam orvalho¹⁰⁸, estendendo ao longo de todas as coisas por conta própria, sem a interferência do homem.

4. O Tao, em sua fase de ação, tem um nome. Então os homens podem compreendê-lo; quando eles o fazem, não há mais risco de erro ou falha.

5. Tal como os grandes rios e os oceanos estão para os córregos do vale, assim também está o Tao para todo o universo.

¹⁰⁶ compreendendo a Mudança dentro de si.

¹⁰⁷ Hadit.

¹⁰⁸ Este “orvalho” se refere ao Elixir da Fraternidade R.C., e da O.T.O. Ele foi descrito, com precaução adequada, em diversas passagens de *O Equinócio* e de *O Livro das Mentiras*.

XXXIII

***A Discriminação (Viveka)
do Te***

1. Aquele que entende outros entende Dois; mas aquele que entende a si mesmo compreende Um. Aquele que conquista aos outros é forte; mas aquele que conquista a si mesmo é mais forte ainda¹⁰⁹.

O contentamento é opulência; e a ação contínua é Vontade¹¹⁰.

2. Aquele que se adapta perfeitamente ao seu ambiente, persevera por muito tempo; aquele que morre sem morrer, vive para sempre¹¹¹.

¹⁰⁹ pela mesma razão que na primeira sentença.

¹¹⁰ uniforme e despreocupada.

¹¹¹ O último parágrafo se refere mais uma vez a determinado segredo prático ensinado pela O.T.O. Consulte, em particular, *O Livro das Mentiras*.

XXXIV

O Método de Consecução

1. O Tao é imanente; se estende tanto à direita como à esquerda.

2. Todas as coisas derivam seu ser dele; ele as cria, e todas se sujeitam a ele. Seu trabalho é feito, e ele não o proclama. Ele é o ornamento de todas as coisas, no entanto, não reclama nada deles; não há nada tão pequeno que ele não habite, e não conduza.

Todas as coisas retornam sem o conhecimento da Causa dos mesmos; não há nada tão grande que ele não o habite, e o conduza.

3. Desta forma também pode o Sábio realizar suas Obras. É por não se apressar que conquista o seu sucesso.

XXXV

A Boa Vontade do Te

1. O mundo inteiro é atraído a aquele que tem a Semelhança com o Tao¹¹². Os homens se arrebanham ao redor dele, e não sofrem nenhum mal, mas obtêm descanso, encontram a paz, desfrutam de toda tranquilidade.

2. Sons e pratos doces atraem o viajante para fora de seu caminho. Mas a Palavra do Tao; embora pareça dura e insípida, indigna de se ouvir ou de se ver; tem seu uso todo inesgotável.

¹¹² Ou seja, o Te.

XXXVI

O Esconder da Luz

1. A fim de respirar, esvazie primeiro os pulmões; para enfraquecer o outro, primeiro o fortaleça; para derrubar o outro, primeiro o exalte; para despojar o outro, primeiro o encha de presentes; isso é chamado de Regime Oculto.

2. O macio conquista o duro; o fraco destrói o forte.

3. O peixe que deixa o oceano está perdido; o método de governo deve ser escondido do povo¹¹³.

¹¹³ O único argumento que pode ser alegado em favor de uma Democracia Iluminada é que ela previne-se mais completamente contra as tolices do Povo Soberano do que qualquer outro sistema conhecido.

XXXVII

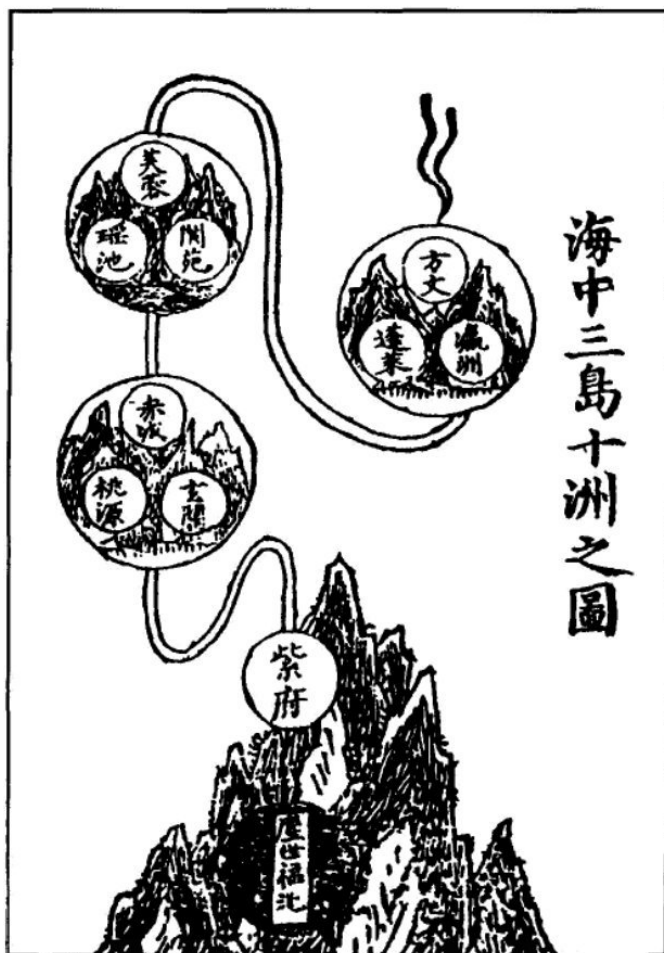
***O Uso Correto do
Governo***

1. O Tao prossegue por sua própria natureza, nada fazendo; portanto não há ação que ele não compreenda.

2. Se reis e príncipes governassem desta maneira, todas as coisas funcionariam corretamente por sua própria moção.

3. Se essa transmutação fosse meu objetivo, eu o chamaria de Simplicidade. A Simplicidade não tem nome, nem propósito; silenciosamente e à vontade todas as coisas sucedem.

Parte Dois



XXXVIII

Relativo ao Te

1. Aqueles que possuíam perfeitamente os poderes¹¹⁴ não os manifestaram, e assim os preservaram. Aqueles que os possuíam imperfeitamente temiam perdê-los, e assim perderam.

2. O primeiro não fez nada, nem tinha necessidade de fazer. O segundo fez, e tinha necessidade de fazer.

3. Aqueles que possuíam a benevolência a exercitaram, e precisaram dela; assim também foi com aqueles que possuíam a justiça.

4. Aqueles que possuíam as convenções as exibiram; e quando os homens não concordaram, se prepararam para enfrentá-los¹¹⁵.

5. Assim, quando o Tao foi perdido, os Poderes da Magia apareceram; então, por degradações sucessivas, vieram a Benevolência, a Justiça, a Convenção.

6. Agora a convenção é a sombra da lealdade e da boa vontade, e assim o arauto da desordem. Sim, até mesmo o Entendimento é uma Florescência do Tao, e prenuncia a Estupidez¹¹⁶.

7. Então o Homem-do-Tao agarra-se à Massa, e evita o Movimento; ele está ligado à Raiz, não à flor. Ele deixa um, e se

¹¹⁴ Te.

¹¹⁵ Te aparece como Chokmah-Binah, Benevolência como Chesed, Justiça como Geburah, Convenção como Tiphareth. Assim Kether sozinho é “seguro”; até mesmo Chokmah-Binah se arriscam a cair a menos que mantenha Silêncio.

¹¹⁶ Isso repete a doutrina do perigo de Binah. O ataque sobre Tiphareth deve ser tido como uma referência à “Queda”, a morte de Hiram ao meio-dia, *etc.*, *etc.*

TAO TE CHING

apega ao outro¹¹⁷.

¹¹⁷ Ou seja, se a sua rota for em direção ao Tao. Em nossa linguagem, ele adora a Nuit; mas o Homem Perfeito, quando precisa se manifestar, é na curva oposta. Consulte também *O Livro das Mentiras* [Cap. 3]: “Os Irmãos da A·A·A· são Mulheres: os Aspirantes à A·A·A· são Homens”.

XXXIX

A Lei do Princípio

1. Estas coisas possuíram o Tao desde o princípio: o Céu, claro e brilhante; a Terra, estável e silente; os Espíritos, poderosos em Magia; os Veículos¹¹⁸, transbordando de Alegria; tudo o que tem vida; e os governantes dos homens. Todos estes derivam sua essência a partir do Tao.

2. Sem o Tao, o Céu se dissolveria¹¹⁹, a Terra romperia, os Espíritos se tornariam impotentes; os Veículos¹²⁰ vazios; as coisas vivas pereceriam e os governantes perderiam o seu poder.

3. A raiz da grandeza é a humildade, e a força da exaltação está em sua base. Assim os governantes falam de si mesmos como “Sem pai”, “Desvirtuoso”, “Indigno”, proclamando com isso que sua Glória está em sua vergonha¹²¹. Assim também a virtude de uma Carruagem não é qualquer uma das partes de uma Carruagem, se forem enumeradas. Eles não procuram parecer bem como a jade, mas discretos como a pedra comum¹²².

¹¹⁸ Os “Espíritos” e os “Veículos” se referem à Lança e à Taça, correlativos do Céu e da Terra.

¹¹⁹ É o invisível que é o todo-importante: veja o Cap. 11.

¹²⁰ Consulte também *As Perguntas do Rei Milinda*, onde está a discussão do que uma carruagem realmente é.

¹²¹ As boas maneiras inglesas são similarmente discretas, e foram assim desenvolvidas como uma proteção.

¹²² A jade está suscetível a ser arrancada e lapidada; a pedra ordinária pode escapar. (consulte também *Chuang-tzu* [Livro IV] sobre a árvore podre, etc. [em] Jen-chien shih [Legge, *The Sacred Texts of Taoism*, Vol. I, S.B.E. 39, p. 203].)

XL

Omitindo a Utilidade

1. O Tao procede por curvas correlativas, e sua força está na fraqueza.

2. Todas as coisas surgiram a partir do Te, e o Te brotou a partir do Tao¹²³.

¹²³ A lei do Tao é constante compensação; seu método é sempre reparar o equilíbrio e reduzir a equação a zero. Em sua ação se parece muito com a forma de Energia que chamamos de gravitação; é uma inércia sempre tencionando a minimizar o estresse.

XLI

A Identidade do Diferente

1. Os melhores estudantes, aprendendo sobre o Tao, começam ardentemente a praticar o Caminho. Estudantes medíocres ora o apreciam, ora o deixam de lado.

Os piores estudantes zombam dele. Se não fosse assim escarnecido, ele seria indigno de ser o Tao.

2. Assim falaram os criadores de Provérbios: o Tao em sua forma mais brilhante é obscuro. Quem avança nesse Caminho, se retira. Seu Caminho suave é áspero. Seu cume é um vale. Sua beleza é a feiura. Sua riqueza é a pobreza. Sua virtude, o vício. Sua estabilidade é a mudança. Sua forma é sem forma. Sua compleição é o vazio. Seu enunciado é o silêncio. Sua realidade é a ilusão.

3. Sem nome e imperceptível é o Tao; mas ele inspira e aperfeiçoa todas as coisas.

XLII

Os Véus do Tao

1. O Tao formulou o Um¹²⁴.

O Um exalou o Dois¹²⁵.

Os Dois foram pais do Três¹²⁶.

Os Três foram pais de todas as coisas¹²⁷.

Todas as coisas passam da Obscuridade à Manifestação; inspiradas harmoniosamente pelo Sopro do Vazio¹²⁸.

2. Os homens não gostam de ser sem pai, desvirtuosos, indignos: embora os governantes se descrevam por esses nomes. Assim o acréscimo traz o decréscimo para alguns, o decréscimo traz o acréscimo para outros.

3. Outros ensinaram assim; eu concordo. Homens violentos e fortes não morrem de morte natural. Este fato é o alicerce de minha lei.

¹²⁴ Kether ou o Primeiro Æthyr.

¹²⁵ Chokmah-Binah ou Yin e Yang.

¹²⁶ A segunda Tríade.

¹²⁷ A terceira Tríade e Malkuth.

¹²⁸ O Tao.

XLIII

O Método Cósmico

1. A substância mais macia¹²⁹ caça e captura a mais dura¹³⁰; o Insubstancial¹³¹ penetra onde não há abertura. Aqui está a Virtude da Inércia.

2. Poucos são aqueles que alcançam: cuja Fala é Silêncio, cujo Trabalho é Inércia.

¹²⁹ Água – *yoni*.

¹³⁰ Rocha – *liṅga*.

¹³¹ O éter luminoso.

XLIV

Monitorial

1. O que beneficiará um homem obter fama ou riqueza, e perder a sua vida?

2. Se um homem se agarra à fama ou à riqueza, ele arrisca aquilo que vale mais.

3. Fique satisfeito, não temendo a desgraça. Não aja, e não arrisque a crítica. Assim vivas tu muito tempo, sem alarme.

XLV

A Inundação Do Te

1. Despreze as tuas obras-primas; assim renove o vigor de tua criação.

Considere a tua plenitude vazia; assim a tua plenitude nunca será vazia.

Que o reto pareça torto para ti; tua Arte deselegância; tua Música discórdia.

2. O exercício modera o frio; a quietude o calor. Ser puro¹³² e manter silêncio, é a Verdadeira Lei de tudo que está sob o Céu.

¹³² *Brahmacharya* – Castidade no sentido secreto de Parsifal-O.T.O.
Consulte também o *Ch'ing-ching Ching*. [Ver Apêndice.]

XLVI

A Retirada da Ambição

1. Quando o Tao veleja sobre a Terra, os homens colocam cavalos velozes em carroças da noite. Quando é negligenciado, eles procriam carregadores nas marchas da fronteira.

2. Não há mal pior do que a ambição; nenhuma miséria pior do que o descontentamento; nenhum crime maior do que a avareza. Contentamento de mente é a paz e a satisfação eternas.

XLVII

A Visão do Distante

1. Não é preciso passar do limiar para compreender tudo o que há debaixo do Céu, nem olhar para fora de sua treliça para contemplar o Tao Celestial. Não! mas quanto mais longe vai um homem, menos ele conhece.

2. Os sábios adquiriram seu conhecimento sem viajar; nomearam todas as coisas corretamente sem contemplá-las; e, agindo sem propósito, cumpriram as suas Vontades.

XLVIII

Esquecimento Superando Conhecimento

1. O estudioso busca diariamente aumentar o saber; o sábio do Tao o diminuir do fazer.

2. Ele o diminui, e de novo e de novo, até que ele não faça nenhum ato com ânsia de resultado. Tendo alcançado essa Inércia, tudo se realiza.

3. Aquele que atrai para si tudo o que há debaixo do Céu, o faz sem esforço. Aquele que se esforça não é capaz de atraí-lo.

XLIX

A Adaptabilidade do Te

1. O homem sábio não tem princípio fixo; ele adapta sua mente a seu ambiente.

2. Para o bom eu sou bom, e para o ruim eu sou bom também; assim tudo se torna bom. Para o verdadeiro sou verdadeiro, e para o falso sou verdadeiro; assim tudo se torna verdadeiro.

3. O sábio parece hesitante para o mundo, porque sua mente está desapegada. Por isso o povo o observa e ouve, como seus filhos; e assim ele os arrebanha.

L

A Estima da Vida

1. O homem adquire vida, e retorna novamente para a morte.
2. Três em cada dez homens conservam a vida; três em cada dez homens buscam a morte.
3. Também três em cada dez homens desejam viver, mas seus atos apressam sua viagem para a casa da morte. Por que isso? Por causa de seus esforços para preservar a vida.
4. Mas isso eu ouvi. Aquele que é sábio na economia de sua vida, do qual ele é responsável por uma estação, viaja sem a necessidade de evitar o tigre ou o rinoceronte, e vai sem armadura entre os guerreiros, sem medo de espada ou de lança. O rinoceronte não acha nele lugar vulnerável para seu chifre, o tigre para suas garras, a arma para sua ponta. Por que isso? Porque não há casa da morte em todo o seu corpo.

LI

O Te Como O Nutridor

1. Todas as coisas procedem do Tao, e são sustentadas por sua virtude que flui. Cada um toma forma de acordo com sua natureza, e é perfeito, cada um de seu Jeito particular. Portanto, todos e cada um deles glorificam o Tao, e adoram a sua Virtude que flui.

2. Esta glorificação do Tao, este culto do Te, é constantemente espontâneo, e não por indicação da Lei.

3. Assim, o Tao os faz florescer, os nutre, os desenvolve, os sustenta, os aperfeiçoa, os amadurece, os suporta, os reabsorve.

4. Ele os faz germinar, e não reclama soberania sobre eles; é supervisor de suas mudanças, e não se gaba de sua pujança; os aperfeiçoa, e não interfere com seus Caminhos; isso é chamado de o Mistério de sua Virtude.

LII

A Retirada ao Silêncio

1. O Tao faz brotar todas as coisas debaixo do Céu; é a Mãe de tudo.

2. Conhecendo a Mãe, podemos conhecer sua prole. Aquele que conhece sua Mãe, e que habita em Sua natureza, permanece em segurança todos os seus dias.

3. Com a boca fechada, e os Portões da Respiração controlados, ele permanece repousando todos os seus dias. Com a boca aberta, e a Respiração direcionada para assuntos externos, ele não tem a certeza todos os seus dias.

4. Perceber aquele Ponto Minuto¹³³ é a Verdadeira Visão; manter o Suave e o Gentil¹³⁴ é a Verdadeira Força.

5. Empregando a Luz Interna¹³⁵ harmoniosamente para que ela volte à sua Origem, protege-se até mesmo seu corpo do mal, e mantém Silêncio ante todos os homens.

¹³³ Hadit.

¹³⁴ Nuit.

¹³⁵ Ra-Hoor-Khuit.

Os parágrafos 3 a 5 se referem a determinadas práticas técnicas, que podem ser estudadas no Livro 4, *O Equinócio e Liber AL vel CCXX*.

LIII

*O Testemunho da
Ganância*

1. Se eu fosse descoberto pelos homens, e encarregado com o governo, o meu primeiro medo seria que eu não devesse tornar-me orgulhoso.

2. O verdadeiro Caminho é plano e liso; mas os homens adoram atalhos.

3. Eles adornam suas cortes, mas eles negligenciam seus campos, e deixam seus armazéns vazios. Eles usam vestes bordadas e elaboradas; eles cingem-se com espadas afiadas; eles comem e bebem com luxúria; eles acumulam bens; eles são desonestos e orgulhosos. Tudo isso é oposto ao Caminho do Tao.

LIV

O Testemunho Da Sabedoria

1. Se um homem planta de acordo com o Tao isso nunca será arrancado; se ele assim reúne, nunca será perdido. Seus filhos e os filhos de seu filhos, um após outro, honrarão o santuário de seu ancestral.

2. O Tao, aplicado a si mesmo, fortalece o Corpo¹³⁶, à família, traz riqueza¹³⁷; ao distrito, prosperidade¹³⁸; ao Estado, grande fortuna¹³⁹. Deixe que seja a Lei do Reino, e todos os homens crescerão em virtude¹⁴⁰.

3. Assim observamos seu efeito em todos os casos, como para a pessoa, a família, o distrito, o estado e o reino.

4. Como eu sei que isso é assim universal sob o Céu?

Por experiência.

¹³⁶ Te.

Te é sempre o Poder Mágico; ele não precisa ser explicado diversamente como no texto.

¹³⁷ {ver nota anterior}.

¹³⁸ {ver nota anterior}.

¹³⁹ {ver nota anterior}.

¹⁴⁰ {ver nota anterior}.

LV

O Feitiço do Mistério

1. Aquele que tem os Poderes Mágicos¹⁴¹ do Tao é como uma criança. Insetos não o picarão ou bestas ou aves de rapina não o atacam.

2. Os ossos da criança são macios e seus tendões são elásticos, mas seu alcance é firme¹⁴². Ele não conhece nada da União do Homem e da Mulher, embora seu Órgão possa ser excitado. Isso é por causa de sua perfeição natural. Ela gritará o dia todo sem ficar rouca, por causa da harmonia de seu ser.

3. Aquele que entende essa harmonia conhece o mistério do Tao, e se torna um Verdadeiro Sábio. Todos os artifícios para inflamar a vida, e aumentar o Sopro vital¹⁴³, por esforço¹⁴⁴ mental, são maus e dissimulados.

4. As coisas se tornam fortes, então velhas. Isto¹⁴⁵ está em desacordo com o Tao, e o que não é uno com o Tao logo chega a um fim.

¹⁴¹ Te.

¹⁴² Um bebê pode se depender de um galho por um período indefinidamente longo. Isso por causa de seu atavismo de macaco; em outras palavras, é o subconsciente da criança que está trabalhando. Este subconsciente é de sua verdadeira natureza, portanto de acordo com o Tao.

¹⁴³ *Prāṇa*.

¹⁴⁴ *Haṭhayoga*, etc.

¹⁴⁵ Imposição de força ao invés de permitir o crescimento natural.

LVI

A Excelência do Mistério

1. Quem conhece o Tao mantém Silêncio; aquele que balbucia não o conhece.

2. Quem conhece fecha sua boca e controla as Portas de sua Respiração. Ele tornará sua agudeza sem corte; ele soltará seus complexos; ele diminuirá seu brilho à obscuridade geral. Isso é chamado de o Segredo da Harmonia.

3. Ele não pode ser insultado quer pela familiaridade ou pela aversão; ele é imune a ideias de ganho ou perda, de honra ou desgraça; ele é o verdadeiro homem, inigualável debaixo do Céu.

LVII

A Influência Verdadeira

1. Pode-se governar um estado por restrição; as armas podem ser usadas com habilidade e astúcia; mas adquire-se verdadeiro comando somente pela liberdade, dada e tomada.

2. Como estou ciente disso? Pela experiência de que multiplicar as leis restritivas no reino empobrece o povo; o uso de máquinas causa desordem igualmente no estado e na família. Quanto mais os homens usam a habilidade e a astúcia, mais máquinas existem; e quanto mais há leis, mais há criminosos.

3. Um homem sábio disse isso: eu pararei de fazer, e as pessoas agirão corretamente por sua própria vontade; eu amarei o Silêncio, e as pessoas instintivamente se voltarão para a perfeição; eu não tomarei medidas, e as pessoas desfrutarão da verdadeira riqueza; eu restringirei a ambição, e as pessoas atingirão a simplicidade.

LVIII

Adaptação ao Ambiente

1. O governo que exerce o mínimo cuidado serve melhor às pessoas; aquele que se intromete com os assuntos de todos opera todo tipo de danos. A tristeza e a alegria são companheiros; quem pode adivinhar o resultado final de cada?

2. Devemos evitar a restrição? Sim, a restrição distorce a natureza, de modo que mesmo o que parece bom nisso é mau. Há quanto tempo os homens sofrem por causa do engano sobre isso.

3. O homem sábio é quadrangular, e evita a agressão; seus cantos não ferem os outros. Ele se move em linha reta¹⁴⁶ e não desvia dela; ele é brilhante¹⁴⁷, mas não cega com seu brilho¹⁴⁸.

¹⁴⁶ de acordo com sua Vontade.

¹⁴⁷ como uma Estrela.

¹⁴⁸ porque ele se mantém em sua própria órbita.

LIX

Protegendo o Tao

1. Para equilibrar a nossa natureza terrena e cultivar a nossa natureza celestial, trilhe o Caminho do Meio.

2. Este Caminho do Meio por si só conduz ao Retorno Oportuno à Verdadeira Natureza. Este Retorno Oportuno é resultado da constante junção de Poderes Mágicos¹⁴⁹. Com essa Junção vem o Controle. Este Controle sabemos que é Sem Limites e aquele que conhece o Ilimitado¹⁵⁰ pode governar o Estado.

3. Aquele que possui o Tao persevera até longe. Ele é como uma planta com o raízes bem firmes e caules fortes. Assim protege a longa duração de sua vida.

¹⁴⁹ Te.

¹⁵⁰ Como o Tao.

LX

O Dever do Governo

1. O governo de um reino é como cozinhar peixes¹⁵¹.

2. Se o reino for governado de acordo com o Tao, os espíritos de nossos antepassados não manifestarão o seu Te¹⁵². Esses espíritos têm esse Te, mas não o tornarão contra os homens. Ele é capaz de injuriar os homens; assim também é o Rei Sábio; mas ele não o faz.

3. Quando estes poderes¹⁵³ estão de acordo, a sua Boa Vontade produz o Te, dotando as pessoas com o mesmo.

¹⁵¹ Quer dizer, é a operação mais simples possível.

¹⁵² Ou seja, seus poderes mágicos, da indignação quanto ao prejuízo causado pelos seus descendentes.

¹⁵³ Os espíritos e o Rei Sábio.

LXI

A Modéstia do Te

1. Um estado se torna poderoso quando se assemelha a um grande rio, profundo; para ele tendem todos os pequenos riachos debaixo do Céu.

2. É como a fêmea que conquista o macho por seu silêncio. O Silêncio é uma forma de Atração¹⁵⁴.

3. Assim, um grande estado atrai os estados pequenos por ir de encontro aos seus pontos de vista, e pequenos estados atraem o grande reverenciando sua eminência. No primeiro caso, este Silêncio obtém apoiadores; no segundo, favor.

4. O grande estado une os homens e os sustenta; o pequeno estado deseja a boa vontade dos grandes, e a oferece serviço; assim cada um ganha a sua vantagem. Mas o grande estado deve manter Silêncio.

¹⁵⁴ Não é que haja qualquer “virtude” na humildade; é simplesmente que todas as linhas convergem para o centro da Teia.

LXII

As Operações do Tao

1. O Tao é a mais exaltada de todas as coisas. Ele é o ornamento do bem, e a proteção e purificação do mal¹⁵⁵.

2. Suas palavras são a fonte da honra, e suas ações o motor da realização. Ele está presente até mesmo no mal.

3. Embora o Filho do Céu fosse entronado com seu três Duques indicados para servi-lo, e a ele fosse oferecido um símbolo de status circular tão grande que poderia encher as mãos, com uma equipe de cavalos o seguindo, este presente não se igualava ao Tao, que poderia ser oferecido pelo mais humilde dos homens.

4. Por que os antigos consideraram o Tao assim? Porque aquele que o procura pode encontrá-lo, e porque essa era a Purificação de todo o mal. Portanto todos os homens sob o Céu o estimam como a mais exaltada de todas as coisas.

¹⁵⁵ Consulte também “Alma de Bondade nas Coisas Malignas”. [Shakespeare, *Henrique V* IV, i.]

LXIII

Premeditação no Início

1. Aja sem ânsia de resultado; trabalhe sem ansiedade; prove sem apego ao sabor; estime as coisas pequenas como grandes e poucas coisas como muitas; afaste a violência com a gentileza.

2. Faça as grandes coisas enquanto elas ainda são pequenas, as coisas difíceis enquanto elas ainda são fáceis; pois todas as coisas, não importa quão grandes ou difíceis, têm um começo quando elas eram pequenas e fáceis. Assim então o homem sábio realiza as maiores tarefas sem empreender nada importante.

3. Aquele que empreende irrefletidamente certamente falhará na realização; aquele que estima as coisas fáceis as achará difíceis. O homem sábio considera até mesmo as coisas mais fáceis como difíceis, de modo que mesmo as coisas difíceis são fáceis para ele.

LXIV

Preocupar-se com os Detalhes

1. É fácil agarrar o que ainda não está em movimento, resistir ao que ainda não é manifesto, quebrar o que ainda não é denso, dispersar o que ainda não é coerente. Agir contra as coisas antes que se tornem visíveis; preocupar-se com a ordem antes que a desordem nasça.

2. A árvore que preenche um abraço cresceu de um pequeno broto; a torre de nove andares foi erguida de uma base baixa; a viagem de dez dias começou com um único passo.

3. Aquele que age opera injúria; aquele que se agarra acha li-so. O homem sábio não age, assim não pratica injúria; ele não se agarra, e assim não solta. Os homens muitas vezes arruinam seus negócios na véspera do sucesso, porque eles não são tão prudentes no final como no início.

4. O homem sábio quer o que os outros não querem¹⁵⁶, e não estima as coisas raras¹⁵⁷. Ele aprende o que os outros não aprendem, e recolheu o que eles desprezam. Assim ele está de acordo com o curso natural dos eventos, e não é ousado demais na ação.

¹⁵⁶ Ele faz sua própria vontade, ao invés de almejar um objetivo padronizado.

¹⁵⁷ e assim procurado pelos outros.

LXV

A Pureza do Te

1. Os de antigamente que eram habilidosos no Tao não procuravam esclarecer o povo, mas mantê-los simples.

2. A dificuldade do governo é o conhecimento vão do povo. Usar a inteligência no governo é torturar o reino; usar a simplicidade é ungi-lo.

3. Conheça estas coisas, e faça delas a tua lei e teu exemplo. Possuir esta Lei é a Perfeição Secreta do governo. Profunda e Prolongada é essa Perfeição; aquele que a possui realmente é contrário ao resto, mas ele os atrai à plena conformidade.

LXVI

Colocando-se por Último

1. Os oceanos e os rios atraem as correntezas¹⁵⁸ por sua habilidade de ser mais baixo do que eles; assim são mestres disto. Assim o Homem Sábio, para estar acima dos homens, fala abaixo; e para os preceder age com humildade.

2. Assim, ainda que esteja acima deles, eles não sentem ônus; nem, ainda que os preceda, eles se sentem insultados.

3. Assim todos os homens se deleitam em honrá-lo, e não se cansam dele. Ele não compete contra nenhum homem; portanto, nenhum homem é capaz de competir contra ele.

¹⁵⁸ como se isso fosse tributo e adoração.

LXVII

As Três Joias

1. Eles dizem que, embora este meu Tao seja grande, ainda assim é inferior. Esta é a prova de sua grandeza. Se fosse como qualquer outra coisa, sua pequenez teria sido conhecida há tempos.

2. Eu tenho três joias valiosas às quais me agarro; a bondade, a moderação e a humildade.

3. Essa bondade me torna corajoso, essa moderação generoso, essa humildade honrado. Os homens de hoje abandonam a bondade pela violência, a moderação pela extravagância, a humildade pelo orgulho: isso é a morte.

4. A bondade trás a vitória na luta; e defende seu lugar com segurança. O Céu protege o homem gentil por essa mesma virtude.

LXVIII

Assimilando-se com o Céu

1. Aquele que é hábil na guerra não faz nenhum gesto feroz; o lutador mais eficiente toma precaução contra a raiva. Aquele que conquista se abstém de atacar na batalha; aquele a quem os homens mais de bom grado obedecem, persevera silenciosamente com o seu Trabalho. Assim é dito: “Poderoso é aquele que não luta; governa aquele que se une com seus súditos; brilha aquele cuja vontade é a do Céu”.

LXIX

O Uso do Jeito Misterioso

1. Um grande estrategista diz: “Não me atrevo a tomar a ofensiva. Eu prefiro a defensiva. Não ousou avançar uma polegada; prefiro recuar um pé”. Portanto ponha o exército onde não há exército; prepare-se para a ação onde não há compromisso; ataque onde não há conflito; avance contra o inimigo onde o inimigo não está¹⁵⁹.

2. Não há nenhum erro tão grande quanto se engajar em batalha sem força suficiente. Fazê-lo é correr o risco de perder a doçura¹⁶⁰ que está acima de qualquer preço. Assim, quando as tropas realmente iniciam o ataque, aquele que lamenta a necessidade é o vitorioso.

¹⁵⁹ Isso é estratégia, bastante ortodoxa, evitar a batalha onde o inimigo for forte, concentrar nos pontos fracos de sua linha.

¹⁶⁰ elasticidade.

Um general que é compelido a lutar em qualquer ponto perdeu a sua iniciativa naquele ponto.

LXX

*A Dificuldade da
Compreensão Correta*

1. Minhas palavras são fáceis de compreender e de realizar; mas há alguém no mundo que pode compreendê-las e realizá-las?

2. Minhas palavras derivam de um Princípio criativo e universal, de acordo com a Lei Única. Os homens, não conhecendo estes, não me compreendem.

3. Poucos são os que me entendem; portanto sou o que mais deve ser valorizado. O Homem Sábio veste trapos, mas guarda sua joia em seu peito.

LXXI

*A Enfermidade do
Conhecimento*

1. Saber, embora não saber nada, é o mais elevado; não saber, mas fingir ter conhecimento, é uma enfermidade.

2. Esta enfermidade é dolorosa; por isso a evitamos. O homem sábio não a tem. Sabendo que ele está ligada ao Sofrimento, a põe de lado.

LXXII

Sobre o Amor de Si

1. Quando os homens não temem o que é para ser temido, aquilo que eles temem se cruza com eles¹⁶¹.

2. Que eles não vivam, sem pensar, a vida superficial¹⁶². Que eles não se fatiguem da Fonte da Vida¹⁶³!

3. Evitando a vida superficial¹⁶⁴, esse cansaço não recai sobre eles¹⁶⁵.

4. Essas coisas que o homem sábio conhece, não demonstra: ele ama a si mesmo, sem isolar o seu valor¹⁶⁶. Ele aceita o primeiro e rejeita o último.

¹⁶¹ Eles deveriam temer a Restrição de suas Verdadeiras Vontades; caso contrário, se tornam escravos.

¹⁶² Eles devem descobrir a Verdadeira Vontade, e fazê-la. Consulte *O Livro da Sabedoria ou da Tolice*.

¹⁶³ a Vontade verdadeira. Subconsciente.

¹⁶⁴ a reação racional – ao invés de subconsciente – ao ambiente.

¹⁶⁵ Deve-se criar o hábito de fazer sua Verdadeira Vontade; a princípio isso é cansativo, por causa do conflito com os acidentes da vida.

¹⁶⁶ confundindo as marcas do espaço, *etc.*

LXXIII

*Instituindo a Lei da
Liberdade*

1. Um homem, ousando, é executado; outro, não ousando, vive. Parece como se um curso fosse rentável e o outro prejudicial. No entanto, quando o Céu fulmina um homem, quem atribuirá a causa disso? Por isso o sábio é reservado¹⁶⁷.

2. O Tao do Céu não luta, embora vença; é silencioso, embora sua necessidade seja respondida; não convoca, embora todos os homens venham até ele por livre vontade. Seu método é o sossego, mas sua vontade é eficiente. Grandes são as malhas da Rede do Céu; bem aberta, embora nada deixando escapar¹⁶⁸.

¹⁶⁷ Esta passagem difícil depreca a segurança suprida pela prudência geral. Aquele que luta e foge pode ser derrubado perseguindo a cavalaria. O único jeito é adaptar-se ao seu ambiente; ou seja, ao Caminho do Tao, que está por toda parte.

¹⁶⁸ Consulte também – “Apesar dos moinhos de Deus”, etc. [Friederich von Logan, *Sinnegedichte*, trad. de Longfellow.]

LXXIV

Uma Restrição dos Mal-Entendidos

1. O povo não teme a morte¹⁶⁹; por que então procurar amedrontá-los pela ameaça de morte? Se o povo temesse a morte¹⁷⁰ e eu pudesse executar os malfeitores, quem se atreveria a insultar?

2. Há alguém nomeado para infligir a morte¹⁷¹. Aquele que quiser usurpar essa posição se assemelha a um lenhador de madeira fazendo o trabalho de um carpinteiro. Tal pessoa, presunçosa, certamente cortará suas próprias mãos.

¹⁶⁹ pois os governos intrometidos tornaram as suas vidas intoleráveis.

¹⁷⁰ suas vidas sendo agradáveis.

¹⁷¹ Azrael na doutrina do Islão.

Novamente, este capítulo é difícil. O par. 2 mostra a punição capital como interferência com o favor do Céu. Embora no par. 1 vemos sua ameaça como o último recurso do governante. Portanto, esta é uma sugestão de “nó de tolo”; pois tal punição só é efetiva quando o povo está tão feliz que ele a teme infinitamente, de tal forma que ninguém nunca se arrisca. Por conseguinte nunca precisa ser realizada.

LXXV

O Prejuízo da Ambição

1. O povo passa fome por causa do peso da tributação imposta por seus governantes. Esta é a causa da fome.

2. As pessoas são difíceis de governar porque seus governantes se intrometem com elas. Esta é a causa do mau governo.

3. As pessoas recebem com prazer a morte porque a labuta da vida é intolerável¹⁷². É por isso que eles superficialmente estimam a morte¹⁷³.

Em tal estado de insegurança é melhor ignorar a questão de viver do que considerá-la.

¹⁷² devido aos governantes intrometidos, que aumentam os impostos e negligenciam o Tao.

¹⁷³ e assim assumem o risco do banditismo, etc.

Estes capítulos 74 e 75 são uma interpolação, descrevendo as condições resultantes da negligência do Tao. A última frase não deve ser tida como didática, mas como um conselho de desespero. É o clímax da lamentação.

LXXVI

*Uma Advertência Contra
a Rigidez*

1. No nascimento do homem, ele é elástico e fraco; em sua morte, rígido e inflexível¹⁷⁴. Esta é a lei comum; as árvores também, em sua juventude, são tenras e flexíveis; em sua decadência, duras e secas.

2. Então rigidez e dureza são os estigmas da morte; elasticidade e adaptabilidade, da vida.

3. Então aquele que mete a força não é vitorioso; mesmo como uma árvore forte preenche um abraço¹⁷⁵.

4. Assim o duro e o rígido têm o lugar inferior, o macio e o elástico o superior.

¹⁷⁴ inapto a adaptar-se ao seu ambiente.

¹⁷⁵ está pronto para o corte, e também, inapta para crescer mais, decai.

LXXVII

O Caminho do Céu

1. O Tao do Céu é semelhante à curvatura de um arco, onde a parte alta é trazida para baixo, e a parte baixa é erguida. O extremo é diminuído, e o meio aumentado.

2. Este é o Caminho do Céu, remover o excesso, e complementar a insuficiência. Não é assim o caminho do homem, que tira dele que não tem para dar para aquele que já tem em excesso.

3. Quem pode empregar seu próprio excesso para o bem-estar de todos sob o Céu? Somente aquele que possui o Tao.

4. Assim age o Homem Sábio sem ânsia de resultado; não conquista e não se gaba; ele não quer proclamar sua grandeza.

LXXVIII

Um Credo

1. Nada no mundo é mais elástico e flexível do que a água; no entanto, é preeminente dissolver as coisas rígidas e resistentes; não há nada que possa se igualar.

2. Todos os homens sabem que o mole supera o duro, e o fraco conquista o forte; mas nenhum é capaz de usar essa lei na ação.

3. Um Homem Sábio disse: “Aquele que assume a carga do estado é um semideus digno de adoração sacrificial; e o verdadeiro Rei de um povo é aquele que toma a responsabilidade do peso de seus sofrimentos”.

4. A verdade parece paradoxo.

LXXIX

Verdade na Aliança

1. Quando os inimigos se reconciliam, há sempre um rescaldo de hostilidade. Como isso pode ser útil?

2. Portanto, o Homem Sábio, enquanto mantém a sua parte do registro de uma transação, não insiste em sua pronta execução. Aquele que tem o Te considera a situação por todos os lados, enquanto aquele que não tem busca apenas beneficiar a si mesmo¹⁷⁶.

3. No Tao do Céu, não há distinção de pessoas em seu amor; mas é para o Verdadeiro Homem reivindicá-lo.

¹⁷⁶ Os Poderes Mágicos devem ser exercidos somente de acordo com a Vontade inteira do Universo, sem parcialidade.

LXXX

Isolamento

1. Em um pequeno reino de poucas pessoas deveria ser a ordem que apesar que houvesse homens capazes de fazer o trabalho de dez homens ou de cinco, eles não deveriam ser empregados¹⁷⁷. Embora o povo considerasse a morte como pesarosa, mesmo assim eles não deveriam querer ir para outro lugar.

2. Eles deveriam ter barcos e carroças, embora nenhuma necessidade de viajar; corseletes e armas, embora nenhuma ocasião para lutar.

3. Para a comunicação deveriam usar cordas com nós¹⁷⁸.

4. Eles devem considerar a sua comida doce, suas roupas belas, suas casas lares, seus hábitos prazerosos.

5. Se houvesse um outro estado à vista, de modo que sua aves e cães devessem ser ouvidos; ainda até a velhice, mesmo até a morte, o povo não deve ter nenhum comércio com ele.

¹⁷⁷ sob esta pressão alta.

¹⁷⁸ A maldição da sociedade moderna é a Imprensa: tagarelice e fofoca, como uma prostituta bêbada que vomita. Dever-se-ia dizer apenas as coisas estritamente necessárias.

LXXXI

*A Proclamação da
Simplicidade*

1. O discurso verdadeiro não é elegante; o discurso elaborado não é a verdade. Aqueles que sabem não argumentam; os argumentadores são sem conhecimento. Aqueles que assimilaram não são eruditos; aqueles que são enormes com conhecimento não assimilaram.

2. O Homem Sábio não acumula coisas. Quanto mais ele dá, mais ele tem; quanto mais ele rega, mais ele próprio é regado.

3. O Tao do Céu é como uma Flecha, ainda que não fira; e o Homem Sábio, em todas as suas Obras, não causa conflito.



LIBER XXI

清靜經

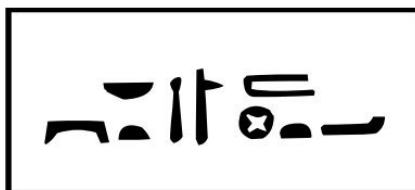
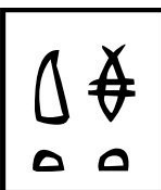
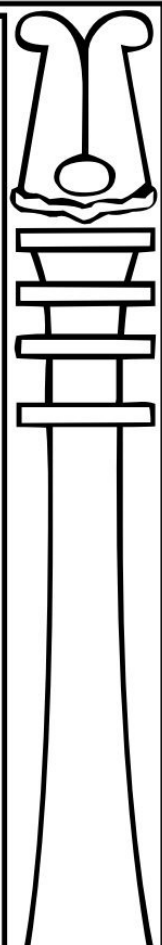
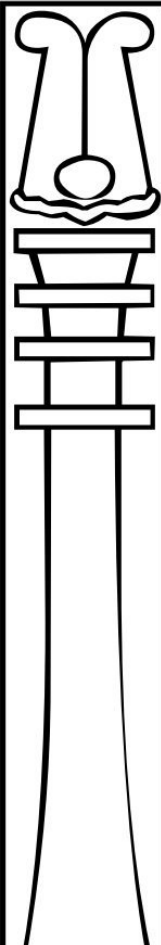
CH'ING-
CHING
CHING

O Clássico
da Pureza

POSTO EM RIMA POR

ALEISTER
CROWLEY

TO MEΓA ΘHPION 666





A.:.A.:.

Publicação em Classe B

V. Praemonstrator
V.V. Imperator
S.U.A. Cancellarius

{O Imprimatur é da linhagem de <http://outercol.org>. }

Ch'ing-ching Ching

I

Lao-chün, o Mestre, disse:

O Tao é desprovido de Forma;
Mesmo que o Céu e a Terra sejam levados ao nascimento,
E nutridos pela Sua norma.

O Tao não tem Vontade de Trabalhar;
Mesmo que pelo Seu Caminho do Céu
A Lua e o Sol alegram-se em andar
Entre os Sete Estrelados.

O Tao não tem Nome; Sua Palavra
É o Crescimento, e o Sustento
De Tudo; eu viso Lhe dar um Nome:
O Tao (que Chance próspera do Céu!)

O Tao tem uma fase gêmea, com o Te:
O Silente e o Agitado.
Do Movimento, aqueles; desses, Repouso
Sublimemente manifesto.

O céu se move, Ele, puro Silêncio;
A terra repousa sob a Tensão;
O Vai-e-vem e o Tear, como a Palavra e o Útero,
Sustentam o seu Mistério

O EQUINÓCIO

Puro Movimento causa o Descanso
Assim como o Silêncio causa o Estresse.
Se o homem estiver quieto, então o Céu vibrará
Com a Terra em Nada.

O Eu ama o Silêncio. Sim,
Mas a Mente o perturba.
A Mente ama o Repouso, mas a Praga da Paixão
Seduz o Intelecto tremulante.

Se o homem reter o desejo,
Sua mente deixará de girar,
E a soltura da mente possibilitará a pura paz
Do Silêncio à Alma.

Os sentidos não se sujarão;
O pensamento não estressará;
Nem os Venenos (Cobiça, Ira, Estupidez) criarão
Sua letalidade triforme.

Os homens não obtêm a tranquilidade do Tao
Por causa da doença de seu desejo;
Porque sua mente não está refinada
De pensamentos por matar estes.

Se alguém matar os desejos,
Sua mente e corpo parecerão
Não mais ser dele; mas sim fantasias
Dançadas no sonho de um devasso.

Destrua a mente, destrua o corpo, destrua
O externo: a matéria se vai.
Então o espaço permanece; renove tuas dores!
Vá! Encare o inimigo final!

TAO TE CHING

Assassine o espaço; então o Nada permanece.
Não segures tua mão santa!
Quando o Nada devolve antes do ataque,
Teu Silêncio permanece sereno!

O repouso de tudo, destituído de marca;
Como deveriam os desejos curar os dentes?
Quando eles são ultrapassados, seguramente tu tens
O Silêncio da Verdade.

Perfeita e Fixa essa Verdade,
No entanto, apta a todo apelo
A Natureza e o Sentido influenciar –
O ímã ao aço!

Ó! Este Contato verdadeiro com tudo
Elástico e exato
Que ainda acima de suas marés –
O Silêncio livre do Ato!

Aquele que tem isto deve vir
Pouco a pouco, um suspiro,
Então flui ele agora, para a Verdade do Tao,
Onde ele se desvanece.

Os homens o chamam de Senhor do Tao,
No entanto, Ele nada tem para assenhorear.
Ele escondeu o motivo de todos que sejam:
O suficiente para a Sua recompensa!

Aquele que compreende
Esta Doutrina pode transmitir
Este Tao Sagrado aos homens que se comprometem
Em compreendê-Lo.

O EQUINÓCIO

II

Lao-chün, o Mestre, disse:

O adepto em habilidade da alma
Nunca tem uma meta; a vergonha do negligente
É que ele busca um objetivo.

Quem mais possui o Te
Oculta seu poder mágico;
Quem menos tem exhibe sua força
Sete vezes por hora.

Estes, que se agarram firme aos Poderes,
Que os guardam, e mostram
Sua Arte mágica - eles não são parte
De Tao, tampouco do Te.

Os homens não ganham a Verdade do Tao
Porque suas mentes estão distorcidas.
A mente desenfreada, o Eu perturbado,
E perde o ritmo da maré.

Perdidos, o externo os seduz;
Eles se voltam para buscá-lo: então
Todas as coisas embarçam, confundem e atormentam
Aqueles homens miseráveis.

Pensamentos desordenados surgem;
O corpo e a mente ficam doentes.
A desgraça e o medo crescem ano a ano
Até seu climatério.

TAO TE CHING

Selvagens, eles são arremessados
Através da vida e da morte; eles tremem,
Afundados no estresse do mar da amargura,
E perdem o Tao para sempre.

O Tao verdadeiro e contínuo!
Quem entendeu;
Quem possui o Tao está aqui e agora
No silêncio do Caminho

Referências Selecionadas

com notas sobre as fontes e leituras adicionais

1. Butler, Samuel. *Erewhon*. Nova Iorque: Penguin, 1970.
2. Chuang-tzu (Zuangzi). Em *The Texts of Taoism*, Partes I-II, trad. James Legge, *Sacred Books of East*, vols. 39-40. Oxford: Clarendon Press, 1881; rpt. Nova Iorque: Dover, c. 1990.
3. ————. *The Complete Works of Chuang Tsu*, trad. Burton Watson. Nova Iorque: Columbia UP, 1968.
4. ————. *Chuang-tzu: The Seven Inner Chapters and Other Writings*, trad. A.C. Graham. Londres & Boston: Allen & Unwin, 1981.
5. Crowley, Aleister. [*Berashith*]. בראשית. *Um Ensaio sobre Ontologia com Algumas Observações Sobre a Magia Cerimonial*. Paris: impresso privadamente [1903]. Reimpresso em (12).
6. ————. *Livro 4*. Frater Perdurabo e Soror Virakam [pseuds. Para Crowley e Mary Desti], 2 vol. *Parte 1, Misticismo*: Wieland, [1911]. *Parte 2, Magick: Observações Preliminares*. Londres: Wieland, [1912]; rpt., 2 vols. Em 1, York Beach, ME: Weiser, 1992. Incluso em (7).
7. ————. (com Mary Desti e Leila Waddell). [*Livro 4*]

TAO TE CHING

- Magick. Liber ABA. Livro Quatro. Partes I-IV*, ed. Hymenaeus Beta. York Beach, ME: Weiser, 1994. Inclui o (6).
8. ————. *O Livro das Mentiras que também é falsamente chamado de Quebras ... com um comentário adicional*. Ilfracombe, UK: Haydn Press, 1962; rpt. York Beach: Weiser, 1993.
 9. ————. (recebido por). [*O Livro da Lei*] *Liber AL vel Legis sub figura CCXX*. Londres: O.T.O., 1938; reimpressão corrigida com o fac-símile do manuscrito, York Beach, ME: Weiser, 1993. Em (7) e (20).
 10. ————. *O Livro de Thoth. Um Breve Ensaio sobre o Tarô dos Egípcios*. O Mestre Therion [pseud.]. O Equinócio III (5). Londres: O.T.O., 1944; reimpresso em York Beach, ME: Weiser, 1993. Apêndice B, pp. 267-8, discute o Diagrama 3, “O Cosmos Chinês”.
 11. ————. *The Chinese Texts of Magick and Mysticism*, ed. Marcelo Motta. Nashville: Thelema Publishing Co., 1980. Este volume porta o título espúrio da série *O Equinócio V(3)*.
 12. ————. *The Collected Works of Aleister Crowley*. Foyers, UK: Society for the Propagation of Religious Truth, 3 vol., 1905-7; 1 vol. “edição do viajante”, 1907; reimpresso Des Plaines, IL: Yogi Publication Society, [c. 1974], 3 vols. Inclui (5).
 13. ————. *As Confissões de Aleister Crowley*. Edição resumida, ed. John Symonds e Kenneth Grant. Londres: Cape, 1969 e Nova Iorque: Hill & Wang, 1970; reimpresso em Londres e Nova Iorque: Arkana, 1989.
 14. ————. *I Ching [Yijing]. Liber CCXVI*, ed. Hymenaeus Beta. *O Equinócio III(7)*. A ser publicado. A tradução

O EQUINÓCIO

de Legge com o comentário de Crowley. Inclui o texto de (18) e os comentários de Crowley de 1941 E.V. sobre os hexagramas.

15. ————. *Khing Kang King [Ch'ing-ching Ching / Qingjing jing]*. Liber XXI. *O Clássico da Pureza*. Londres: O.T.O., 1939. Segunda edição, ed. Helen Parsons Smith, Kings Beach, CA: Thelema Publications, 1973.
16. ————. *Liber Aleph vel CXI. O Livro da Sabedoria ou da Tolice*, ed. Karl Germer e Marcelo Motta. *O Equinócio III(6)*. Barstow, CA: Thelema Publishing Co., 1961; segunda edição revisada, ed. Hymenaeus Beta. York Beach, ME: Weiser, e Nova Iorque: 93 Publishing, 1991.
17. ————. *Magick Sem Lágrimas*, ed. Karl Germer. Hampton, NJ: Thelema Publishing Co., 1954; edição resumida, ed. I. Regardie, St. Paul: Llewellyn, 1973; reimpresso em Scottsdale, AZ: New Falcon, 1991. As cartas 5, 6, 34 e 35 discutem a filosofia chinesa; a 35 reproduz sua Introdução ao *Tao Te Ching*.
18. ————. [*Shih-I / Shiyi: Explanation of the Yiking*]. *Shih Yi*, ed. Helen Parsons Smith. [*O Equinócio III(7)*]. Oceanside, CA: Thelema Publications, 1971. A primeira edição da paráfrase poética de Crowley do *I Ching (Yijing)*.
19. ————. [*Tao Te Ching / Daode jing*]. *O Tao The King*. Liber CLVII, trad. Aleister Crowley. Veja (27) e (28).
20. ————. (recebido por). [*Thelema*] *Θελημα: The Holy Books of Thelema*, ed. Hymenaeus Alpha e Hymenaeus Beta. York Beach, ME: Weiser, 1983. *O Equinócio III(9)*. Segunda impressão corrigida, York Beach, ME: Weiser, e Nova Iorque: 93 Publishing, 1990. Inclui “Liber XXVII vel Trigrammaton”. {Trad. português: *Os Livros Sagrados de Thelema*, São Paulo, SP: Madras, 1998.}

TAO TE CHING

21. *O I Ching, ou O Livro das Mutações*, trad. Richard Wilhelm, trad. inglês Cary F. Baynes. Bollingen Series 19, Princeton: Princeton UP, 1961, reimpresso em 1995. {Trad. para o português Alayde Mutzenbecher e Gustavo Alberto Corrêa Pinto. São Paulo, SP: Editora Pensamento, 2006}
22. [*I Ching / Yijing*]. *The Yi King. The Texts of Confucianism*, Parte II, trad. James Legge, *Sacred Books of East*, vol. 16. Oxford: Clarendon Press, 1882 [segunda edição em 1899]; reimpresso em Delhi: Motilal Banarsidass, 1988; reimpresso como *I Ching*, Nova Iorque: Dover, c. 1990.
23. Ko Hsüan (Ge Xuan – atribuição espúria). [*Ch'ing-ching Ching / Qinjing jing*, em] *The Texts of Taoism*, vol. 2, trad. James Legge, *Sacred Books of East*, vol. 40. Oxford: Clarendon Press, 1881; reimpresso em Delhi: Motilal Banarsidass, 1988, e Nova Iorque: Dover, c. 1990.
24. ————. [*Ch'ing-ching Ching / Qinjing jing*] *Khing Kang King. Liber XXI*. O Clássico da Pureza. Uma paráfrase poética por Aleister Crowley. Veja o (15).
25. Kohn, Livia. *The Taoist Experience*. Albany, NY: Suny Press, 1993. Inclui o texto completo do *Ch'ing-ching Ching / Qinjing jing* em inglês.
26. Lao-tzu (Laozi). [*Tao Te Ching / Daode jing*, em] *The Texts of Taoism*, Parte 1, trad. James Legge, *Sacred Books of East*, vol. 39. Oxford: Clarendon Press, 1881; reimpresso em Delhi: Motilal Banarsidass, 1988; reimpresso em Nova Iorque: Dover, c. 1990.
27. ————. *The Tao The King*, trad. Aleister Crowley, ed. H. Parsons Smith. Oceanside, CA: Thelema Publications, 1971. *O Equinócio* III(8).
28. ————. *The Tao The King*, trad. Aleister Crowley, ed.

O EQUINÓCIO

- Stephen Skinner. Londres: Askin e Nova Iorque: Weiser, 1974.
29. ————. *Tao Te Ching*, trad. Stephen Mitchell. Nova Iorque: Harper & Row, 1988.
30. ————. [*Tao Te Ching / Daode jing*] *Te-tao Ching. A New Translation based on the Recently Discovered Ma-wang-tui Texts*, trad. Robert G. Henricks. Nova Iorque: Ballantine Books, 1992.
31. ————. [*Tao Te Ching / Daode jing*] Michael LaFargue. *The Tao of the Tao Te Ching: A Translation and Commentary*. Albany, NY: Suny Press, 1992.
32. ————. *Tao Te Ching. Translation of the Ma Wang Tui Manuscripts*, trad. D.C. Lau, ed. Sarah Allan. Nova Iorque: Knopf, 1994.
33. [*Milinda Pānha*]. *The Questions of King Milinda*, trad. T.W. Rhys Davids. *Sacred Books of East*, vols. 35-36. Oxford: Clarendon Press, 1890, 1894; reimpresso em Delhi: Motilal Banarsidass, 1988.
34. ————. *The Debate of King Milinda: An Abridgement of the Milinda Pānha*, ed. Bhikkhu Pesala. Delhi: Motilal Banarsidass, 1991.
35. Wells, H.G. *The War in the Air*. Londres: G. Bell and Sons, 1908.
36. Wile, Douglas. *Art of the Bedchamber. The Chinese Sexual Yoga Classics including Women's Solo Meditation Texts*. Albany, NY: Suny Press, 1992. Discute o *Ch'ing-ching Ching*.
37. Wong, Eva. *Cultivating Stillness: A Taoist Manual for*

TAO TE CHING

Transforming Body and Mind. Boston: Shambhala, 1992.
Inclui uma tradução do *Ch'ing-ching Ching* com um comentário alquímico.

38. Zuangzi, consulte Chuang-tzu.